

CRÔNICAS DE UM TERRÁQUEO

Volume 1

EDGAR ALBUQUERQUE

2022

Edição Independente

Olá, Terráqueo/a!

Este e-book é uma produção independente. O autor, eu, fez tudo. A capa, a editoração, a revisão e, obviamente, escreveu todos os textos! :D

Espero que aqui você encontre um pouco de diversão e pequenos pontos de reflexão.

E, se você gostar do que leu e quiser contribuir com o autor, me faz um PIX ;)

No valor que o seu coração mandar. A minha chave PIX é o meu email: edgar.albuquerque@gmail.com

Boa leitura, Terráqueo/a!

Sumário

- 1. Cadeados
- 2. Quem vê coleira não vê coração
- 3. Maria
- 4. Energético
- 5. Pedágio
- 6. Boulevard
- 7. Neno
- 8. Mirela
- 9. Volcano
- 10. Doutor Paranhos
- 11. Tocaia
- 12. Sala de espera
- 13. A Praça
- 14. Grilo
- 15. UrGente
- 16. K7
- 17. Líquida Ação
- 18. Tobias
- 19. Filhos dos Hippies
- 20. Sexshop
- 21. Inútil...
- 22. Vavá
- 23. Matou-a
- 24. Lua de Mel(da)
- 25. Colônia de Férias
- 26. Coincidência
- 27. Muco Nasal
- 28. Traições
- 29. Aqualung
- 30. Natureba's
- 31. Manequim
- 32. R\$ 10,00

- 33. Chega Chegando
- 34. Genésio
- 35. Meninos Insanos
- 36. Ponto Final
- 37. Vira-Latas
- 38. Quermesse
- 39. Cãobinado?
- 40. Karência

Bônus: A Menina da loja de Sapatos

Sobre o autor

Cadeados

Cadeados. Tinha fixação por cadeados. Desde criança, não podia ver um cadeado aberto, corria pega-lo. Na adolescência, pegava cadeados abertos e os colocava em outros lugares. Na rua, andava com olhar atento aos portões, em busca de um cadeado apenas enganchado. Achado o objeto de desejo, este era surrupiado e colocado aleatoriamente em outro portão. Travava-o ao ferrolho e adeus. Nunca se preocupou com os transtornos que pudesse causar tal ato. Na escola, certa vez, pegou o cadeado do portão dos funcionários e colocou-o, dois quarteirões à frente, na guarita do vigia da fábrica. Noutra ocasião, passou os dedos no cadeado de um dos armários da academia e, na noite seguinte, no cursinho, durante o intervalo, atou os zíperes da bolsa da menina que sentava na primeira carteira à mochila do professor. O vício o acompanhou até a vida adulta. Em todos empregos que teve, teve cadeados destravados à disposição. Não perdoou nenhum. Neste exato momento, sentado no refeitório da empresa, com a mão enfiada no bolso do casaco, manipula o cadeado que retirou, três dias antes, da caixa de ferramentas do Lambari. Levantou-se, deixou sua bandeja no local apropriado. Sem ser notado, instalou o cadeado na trava do extintor de incêndio e dirigiu-se ao banheiro. Enquanto lavava as mãos, ouviu um pequeno som metálico. Click. Quando tentou abrir a porta, desconfiou não ser o único com a estranha mania de roubar cadeados e dar-lhes destinos aleatórios. Forçou a porta. Nada. O fogo teve início na cozinha, uma mangueira de gás ressecada foi o estopim da explosão. Gritos, correria. A fumaça tóxica, ignorando o cadeado, adentrou pelas frestas da porta. Morreu asfixiado. Ninguém soube explicar o cadeado na porta do banheiro. Ninguém exceto Lambari, que ainda tinha nas mãos o extintor e a chave...

Quem vê coleira não vê coração

Ronaldo. Rony, para os íntimos. Rony ama os animais. Tem dois labradores, uma pitbull e um beagle. Todos os dias, no condomínio, Rony desfila com os bichinhos. Banho e tosa sempre em dia. Rony é consciente, leva sacolinhas de plástico para recolher, como ele diz, a caquinha das crianças. Rony tem um filho, mas nunca foi visitá-lo. Quando Fernanda disse estar grávida, Rony vazou. Fernanda que lute. Lutou, criou Lucas sozinha, sem ajuda de Rony. Tentou por ele na justiça, mas sabe como é, Rony é filho de desembargador. Outro nível de cidadão. Dona Gertrudes, a síndica, adora Rony. Sempre com seus pets, Rony é gente boa. Boníssima, garante Dona Gertrudes. Rony toca uma franquia de suplementos para atletas. Sonega impostos. Às vezes Rony fica puto com as notícias. Comunistas, ele grita para a namorada. Às vezes grita mesmo sem os comunistas nos noticiários. Às vezes bate. No trabalho, Rebeca diz que é muito desastrada, vive caindo. Esse roxo aqui no braço, bati no box do banheiro. No anivrsário dela, Rony lhe deu um mini poodle. Dois dias depois, Rebeca contava que tropeçou no mini poodle, tadinho, é um cabrito, para justificar o roxo no maxilar. Nos grupos do WhatsApp, Rony exibe seus cães e os peitinhos e bundões das meninas que frequentam sua loja. Propositalmente ele coloca os queimadores de gordura na prateleira debaixo, para que elas tenham que se abaixar, momento em que ele as fotografa. Semana passada, Damaris reclamou para Dona Gertrudes o sumiço do Nestor, seu gato. Nestor vivia no parapeito da janela da sala, gateando. A pitbull de Rony era só latidos para Nestor, que não lhe dava a mínima. Irritado, Rony deu um jeito. É que Rony gosta dos caninos, felinos ele coloca dentro de um saco de estopa e mata a pauladas. Pobre Nestor. Gato é assim mesmo, egoísta, só pensam neles, deve ter fugido, argumentava Rony. Dona Gertrudes concordou. Fiel mesmo é cachorro! Esse sim. Dona Gertrudes fez uns afagos nos labradores. Esse Rony, gente boa! Boníssima. Quem vê coleira não vê coração...

Maria

Maria é minha aluna. Sua mãe fez das tripas coração e segurou as pontas quando o pai desapareceu no mundo. Maria trabalha das 8h às 18h, pega no pesado na linha de produção. Acorda às 5h para ajeitar a casa. 7h está no ponto de ônibus. 18h45 ela chega à faculdade. Maria é minha aluna e se meteu a estudar. Sem diploma, o salário é baixo. A vida é dura. Maria chega para minhas aulas com fome, com sono, sentindo-se suja, feia. O papel de enxugar as mãos do banheiro da faculdade lhe serve de banho. A fome mata-se com um pacote de Fofura, barato, o dinheiro de um salgado faz falta no fim do mês. Maria perdeu minha prova. Choveu e o ônibus atrasou. Na anterior teve 4,5. Não estudou, passou a madrugada com a mãe no hospital. Sábado a classe vai visitar uma empresa, aprender como funciona a produção. A produção onde Maria trabalha. Mas sábado é dia de Maria cozinhar para gente fina. O bico de cozinheira no restaurante paga o xerox, o Fofura. O salário da fábrica vai todo na faculdade. Maria não levantou a mão quando perguntaram quem iria participar da formatura. Baile, vestido, fotos, Maria não pode. Na última aula Maria me disse que está com medo de pegar DP. Me perguntou se tinha algum trabalho para ajudar na nota. Eu disse, damos um jeito, Maria. Enquanto isso, noutro canto da cidade, Cauã escreve no seu facebook, debocha de aluno de "uniesquina". Ele não conhece Maria. Mal sabe ele que o filet mignon ao molho madeira que ele come todo sábado é ela quem faz. Mais um semestre começa. Marias, Josés, Cauãs...

Energético

O cartaz dizia, de R\$ 4,95 por R\$ 0,66. Não, você não leu errado. Nem eu. O produto em questão era um energético. 310ml, sabor pêssego. Pêssego? Sim, pêssego. Puxa, sessenta e seis centavos! O que custa sessenta e seis centavos nessa vida? Ai tem, pensei! Verifiquei a validade, vencerá daqui três meses. Noventa dias! Vamos levar. Um? Não, lógico que não. Vamos levar duas caixas. Energético sabor pêssego. Duas caixas, dezesseis latas. Da prateleira para o carrinho, do carrinho para o caixa, do caixa para o carrão, do carrão para a geladeira. Uma lata? Não, lógico que não. As dezesseis latas dividindo espaço com a margarina e a geléia de morango. Quente deve ser ruim, vamos esperar. Esperei, fui fazer minhas coisas. Recolhi a roupa do varal. Lancei algumas notas da universidade. Joguei duas ou três fases do Angry Birds. Já deve ter gelado, oba! Abri a lata, tsss. Tem cheiro de pêssego, ou parece ter. Desde o natal não como um pêssego. Tem cor de pêssego, que é meio cor de laranja, que é outra fruta. Bem, sem mais delongas, dei aquela golada digna de comercial de refrigerante norteamericano. Quente deve ser ruim? Eu me enganei. Quente deve ser horrível, pois gelado era ruim. Amigo leitor, amiga leitora, pare de rir. Deve ser o primeiro gole, a boca ainda trazia o gosto do almoço, um hamburguer de fast-food. Segundo gole, JESUS! Jesus, o messias, não o guaraná cor-derosa, que diga-se de passagem, é ruim, mas o energético sabor pêssego é pior. Senhor da glória, lembrei-me de uma das coisas mais horrendas ao paladar que eu já havia provado nesta vida de perdição. Daime, o chá. Chá de Santo Daime. Certa vez, nos tempos da faculdade de Filosofia, uma amiga me convidou a beber o chá. Acesso garantido a mundos fantásticos, ela disse. Eu, cético, recusei. Na minha ignorância, o chá era coisa de ritual religioso, mas ela negou, nada tem que ver com crença, Edgar, o Daime te leva para as ruas de Atenas, ela mesmo alegava conversar com Platão. Platão? Sim, Platão, dizia ela. Em grego? Grego? É, você fala com ele em grego? Não, em português. Ah... Convencido a deixar meu ceticismo de lado, fui ao tal do Santo Daime. Depois de algumas orientações e meia hora de cânticos, chegou a hora de pegar a fila para provar o néctar da avahuasca. Jesus Cristo! Pense numa água cor de barro que corre pela

sarjeta em dia de chuva. O gosto era algo indescritível até alguns minutos atrás. Bem, desnecessário dizer que não encontrei Platão falando português. Acho que eu sou imune ao chá de Santo Daime, se fosse chá de fita, quem sabe... Chá de fita? Sim, chá de fita. Fita K7, ou cassete. BASF era a preferida. Se fosse Chromo 90 minutos, melhor ainda. Eu tinha uns amigos de infância, digo, adolescência, que bebiam chá de fita. O que é que tá gravado nessa ai? Def Leppard. Não, Def Leppard não dá barato, vamos de Grateful Dead, essa sim! Desenrolava-se a fita, colocava-se a fita numa infusão de água quente e depois de quinze minutos, a caneca era compartilhada entre todos. Desnecessário dizer que esses meus amigos devem estar todos mortos. Eu sempre fui cagão, tinha medo de ficar loucão com o chá de fita. Alias, sempre fui cagão para qualquer droga. Ok, álcool é droga, e eu sempre fui chegado numa birita. Mas no máximo flertei com um lança-perfume. Mas já me caguei todo quando um colega, misturando clorofórmio com sei lá o que, derrubou a coisa toda no olho e perdeu a visão. Dai em diante, o chá do Santo Daime foi a minha maior estripulia além do álcool. Mas o chá me decepcionou, nada de ver Platão, unicórnios ou a Magda Cotrofe nua se insinuando e desejando-me – se bem que eu acho que a Magda Cotrofe era dos tempos do chá de fita. Energético de pêssego, o famigerado energético de sessenta e seis centavos, dezesseis latas. Bem, quatorze, na verdade, esta que eu estou tomando enquanto digito esta crônica é a segunda. O negócio é ruim, ruim demais. Acho que vou abrir mais uma. Platão não para de se gabar (em português). Magda Cotrofe colocou uma playlist do Grateful Dead no Spotify e está se esfregando no Platão enquanto um unicórnio está mexendo na geladeira, perguntando se a geléia de morango é diet. Maestro, solta o maracá. Treme a terra, treme a terra. Treme a terra e geme o mar...

Pedágio

Baixei o vidro e estendi a mão. Cinquenta reais. O rapaz pegou a nota. Iron Maiden, ele disse. Sim, o som do carro executava Heaven Can Wait, do álbum Somewhere in Time. Os olhos do rapaz brilhavam. Aumenta ai, disse ele. Aumentei. Olhei pelo retrovisor, nenhum carro atrás de mim. O rapaz dedilhava sua guitarra imaginária enquanto entoava os fonemas finais de cada palavra do refrão. Não me lembro quando foi a primeira vez que ouvi a banda Iron Maiden, mas me recordo do meu primeiro disco deles, Piece of Mind. Usado, comprado com o dinheiro do lanche e uns trocados ganhos vendendo traquitanas para o ferro velho. Naquele dia, eu havia matado as aulas de educação física para ir até a loja de discos. Não sabia exatamente qual comprar, mas acabei optando pelo Piece of Mind por causa da capa. Um Eddie maluco acorrentado numa cela de hospício. Pois bem, naquele dia eu voltava para casa de ônibus e trazia o vinil do Iron Maiden nas mãos. Um outro garoto, que sempre pegava o mesmo ônibus que eu depois da escola, se aproximou. Nunca havíamos conversado antes, apesar de nos esbarrarmos no busão todos os dia. Bom, de minha parte, sempre fui meio antissocial. Ele também não era de muita trela, mas o vinil em minhas mãos desencadeou um diálogo. Cara, esse álbum é demais, ele disse. Eu não conheço muita coisa do Iron, vamos ver qualé que é, respondi. Dai em diante, sempre trocávamos uma ideia sobre bandas. Noutra ocasião, ele vinha com um vinil do KISS, o Hot in The Shade. Pirei, KISS era (e é) a minha banda preferida. Nossos papos se mantiveram firmes até que um dia, nunca mais o vi. Talvez tenha mudado de bairro, não sei. De fato, não me lembro se o nome dele era Ricardo, Renato ou Sebastião. Trinta centavos. Oi? O senhor tem trinta centavos, perguntou-me o rapaz da cabine do pedágio. Puxa, não tenho. Que alento ouvir um Iron Maiden logo pela manhã, nessas horas aqui só passa carro tocando sertanejo, disse ele enquanto me entregava o troco. Bom dia, senhor. Bom dia. A cancela se abriu e eu segui meu caminho. Antes de chegar no colégio, pensei comigo: alento mesmo é que um jovem de hoje em dia use a palavra alento!

Boulevard

Sentou-se a beira de um boulevard qualquer. Sobre a mesa, uma xícara de café fumegante, um maço de cigarros fechado e o velho carderno de anotações. Me dá um, senhor? O jovem de jeans sujos surgiu como assombração. Não. Não? Não. O jovem se distanciou calado, mas seu olhar denunciava um séquito de injurias ditas mentalmente. Recolheu o maço de cigarros e levou-o ao bolso da jaqueta. Deixara de fumar havia anos. Sempre carregava consigo um maço a titulo de lembrete. Sou mais forte que você. Sorveu um gole do café e pos-se a contemplar os transeuntes. O boulevard fervilhava de turistas. Iam e vinham com suas máquinas fotográficas e com seus idiomas incompreensíveis. Na mesa ao lado, um casal de suecos. Ou seriam noruegueses? De fato, não fazia a menor ideia. Ela apontou para a garrafa de água que um dos garçons levava para um outro clinete qualquer. Ele gesticulou com os dedos a mímica local pra um cafézinho. De certo, aprendeu observando os locais. Observar, eis, talvez, a única característica que nos distingue dos demais animais. Somos homos observatorius. Bom, nem todos. Na verdade, a maioria passa pelos mundo sem dar uma boa observada. Riu de si mesmo e sorveu mais um gole do seu café. Às vezes se pegava nessas elocubrações sobre a natureza humana. Quando pequeno, na escola, ao ser perguntado pela professora o que gostaria de ser quando crescesse, respondeu antropólogo. A professora riu, afinal, de onde raios uma criança de seis anos responderia antropólogo? Ouvira a palavra num noticiário e, feito papagaio, a reproduziu quando julgou oportuno. A antropologia ficou lá apenas no vocabulário. Quando cresceu, tornou-se contador. Nem saberia explicar o motivo, mas um dia se descobriu trabalhando num escritório qualquer. Logo estava numa faculdade qualquer. Tempos depois, era gerente de um negócio qualquer. Os números se interpuseram em sua vida, a única coisa mal contada nessa história. Vivia? Eu diria que não, mas como narrador, devo me ater a minha neutralidade. Bom, voltemos ao boulevard. Os suecos (ou dinamarqueses), agora discutiam. Ela gesticulava frenéticamente com a garrafa de água entre as mãos. Ele apenas dava de ombros. Vencido, ele se levantou e entrou no café. De seu canto, nosso protagonista observava a mulher. Teriam, como

dizem hoje em dia, tido uma D.R.? Aparentava ser um casal recente, desses que ainda enamorados, se lançam em viagens românticas por outros continentes. Teria ela descoberto que ele expreme o tubo de pastas de dentes no extato meio, deixando aquele bolo de pasta no final do tubo, deformando a simetria engenhosa que os especialistas em embalagens projetaram para obter o maior rendimento ao pressionar a pasta de uma extremidade a outra? Ou, ainda, teria ela por fim descoberto que ele tem por hábito cheirar as pontas dos dedos depois que estes percorrem localidades pouco ortodoxas do corpo? Antes que uma nova hipõtese pudesse ser formulada, o suéco/finlandês retornou com uma nova garrafa de água. Sem gás. De todas as trivialidade que podem levar um casal a discutir, neles foi a inércia masculina para trocar a indesejada água com gás por outra, sem gás. O último gole de café já havia esfriado. O jovem de jeans sujos reapareceu. Entre os lábios, dependurado, um cigarro amarrotado. Tragou-o com vigor. Baforou a fumaça para a esquerda, sem perceber, diretamente nas fuças do suéco/sabe-se-lá-o-quê. Bateu as cinzas na xícara do nosso protagomista e, antes que pudesse seguir seu caminho feliz e vingado, deu de cara com o suposto nórdico. Obviamente, não se entenderam. O jovem gesticulava e apontava para a mesa, para o nosso protagonista. O suéco (fiquemos com o suéco, para simplificar) gesticulava e apontava para o cigarro. Ela acenava para o garçom, na esperança de que ele pudesse desfazer o imbrólio. Nosso protagonista deixou sobre a mesa algumas notas. Recolheu seu velho caderno de anotações e seguiu para o escritório. Vivia? Eu diria que em pequenas doses, a beira de boulevares.

Neno

Neno era o nome do moleque chato que vivia na casa ao lado. Nome não, apelido. De fato, eu nunca soube o seu nome. Neno. Pirralho de cabelos desalinhados, roupas mal cuidadas e dentes manchados de cárie. Neno vivia correndo pelas calçadas com alguma bugiganga que coletava nos ferrosvelhos do bairro. Nessa época éramos todos, de algum modo, molegues chatos. Estávamos nas férias escolares e nos juntávamos na praça para brincar e brigar. É que a brincadeira, nessa fase, sempre vira briga, ainda mais quando o Neno estava por perto. Havia quem quisesse socar a cara dele apenas e tão somente pelos eu olhar insolente. Certa vez, a mãe do Neno nos chamou para jantar na casa deles. De fato, eu nunca soube se aquela mulher de traços duros era realmente a mãe do Neno. Eles moravam nos fundos da quitanda do Paulo. Paulo trazia muambas do Paraguai e as vendia em meio às frutas e hortaliças. Paulo era o nipônico mais brasileiro que eu já conheci, mas isso fica para uma outra crônica. A casa do Neno era uma casa pobre. Móveis rebentados, paredes descascadas. Sentada no canto do sofá, Emília. Irmã do Neno. De fato, se ela era ou não irmã do Neno, eu nunca soube. Emília, apesar de muito jovem, parecia já ter vivido muitas vidas. Tinha sardas que se espalhavam sobre o nariz e as maçãs do rosto. Tinha os dente igualmente manchados de cáries, como os do Neno. Tinha, também, marcas roxas nos braços. Ali, sentada no canto do sofá, vestida com uma camiseta de campanha política vários números acima do seu e com uma almofada sobre as coxas, Emília corou ao me ver entrar na modesta casa. Sua mãe lhe disse, Emília, levanta e cumprimenta o amigo do Neno. Neno riu, nem de longe éramos amigos. Emília delicadamente meneou a cabeça enquanto sussurrava para a mãe, não posso, estou só de calcinha. Eu apenas acenei a ela com a mão, ela apenas me sorriu um meio sorriso. A mãe entregou à Emília um prato cheio de comida. Vocês dois pegam a comida no fogão, disse-nos enquanto sumia no corredor que levava a um outro comodo. Neno foi primeiro, encheu o prato, sentou em frente ao antigo televisor, numa banqueta de madeira, e desligou-se do mundo. Coloquei duas colheres de arroz e uma outra de algo que até hoje não sei dizer o que era. De fato, era carne, mas só deus saberia de quê.

Sentei-me no sofá, na ponta oposta à Emília. Na TV, um desenho animado qualquer. Neno devorava sua janta sem tirar os olhos do aparelho. Eu, de cabeça baixa, remexia a comida no prato sem de fato comer. Emília comia com calma, deixando na borda do prato alguns pequenos pedaços de cebola. A mãe voltou do comodo, havia mudado de roupas. Trabalhava no terceiro turno de alguma fábrica fábrica. Saiu dizendo que havia sagu na geladeira. Neno não tirava os olhos do desenho animado. Emília deixou seu prato sobre o braço do sofá e, num salto quase ornamental, passou do sofá ao corredor que dava para o outro comodo. De dentro do comodo, Emília gritou, Neno, dá sagu pro seu amigo. Neno olhou para mim, olhou para a geladeira, tornou a olhar para mim e retornou ao seu hipnótico desenho animado. Levantei-me e fui ver a cara do sagu. Parecia bom. Voltava para a sala, perguntar ao Neno onde tinha um pote para por o sagu, mas parei diante do corredor. Emília, havia trocado de roupas e penteava os cabelos diante de um diminuto espelho. Não sei quanto tempo fiquei ali, olhando-a. Ela é puta, disse Neno. Hã? O olhar de Emília encontrou o meu. O que você disse, pirralho? PUTA, gritou Neno. PUTA. Outro salto, quase ornamental, trouxe Emília para a sala. Neno olhou para ele, insolente. PU-TA. Ela pegou Neno pelos cabelos e socou-lhe a cara. O prato voou ao chão. PUTA, entre lágrimas, SUA PUTA. O segundo soco fez Neno sangrar. PUTA! Neno saiu correndo pelo corredor da quitanda e sumiu. Emília juntou os cacos do prato quebrado, ajeitou a banqueta e as almofadas do sofá. Dois filetes de lágrimas haviam borrado sua maquiagem. Ela abriu a geladeira, pegou uma colherada de sagu e me deu. Não tem pote, disse-me antes de sair pelo corredor da quitanda. Lá fora, na rua, um carro grande a esperava. Eu tinha 12 anos. Neno, 11. Emília, não mais que 16. Nunca mais os vi.

Mirela

Mirela tinha quinze anos e era minha prima. Prima de consideração, posto que era filha da irmã de Dona Eufrida, a mulher de meu tio. Numa dessas tardes de verão, Mirela entrou no meu quarto. Aproximou-se de mim e sem cerimônias perguntou-me o que eu fazia com a minha maquininha de fazer xixi. Disse-lhe o que qualquer menino de treze anos como eu diria, o óbvio, xixi. Ela colocou sua mão para dentro do meu short e segurou com seus dedos delicados o, como ela mesma batizou, meninão. Com movimentos delicados, Mirela ensinou-me a punheta. Em seguida, jogando-me na cama, com seus lábios, língua e saliva, mostrou-me o que era um boquete. Vendo nos meus espasmos musculares a eminência da minha primeira ejaculação, Mirela sentou-se sobre mim e ensinou-me a cópula. Senti seu interior quente e molhado e, por fim, aprendi o que era gozar. Vinte e cinco anos depois, lá estava ela descendo as escadas do casarão de Dona Eufrida, que deus a tenha. Meu tio também passara dessa para a melhor e Mirela herdara aquela propriedade. O tempo lhe fora gentil. Ao contrário de todas as demais mulheres da família, cuja a lida doméstica e os cuidados com os rebentos lhes arebentaram, Mirela mantinha-se um espetáculo. Eu casei-me com Josefa, mulher casta, fiel aos ditames da Santa Igreja. Me fora prometida por seu Antenor, compadre de meu pai. Com Josefa tive três filhos. As gêmeas Maria Eduarda e Eduarda Maria e o caçula. Josefa jamais foi mulher de fogosidades. Austera, o sexo era como dizia o cânone, crescei-vos e multiplicai-vos, mas as complicações uterinas com a vinda do caçula nos desobrigou a povoar esta terra de Noé. As memórias inundavamme a cabeça enquanto observava Mirela descendo as escadas com Miguel. Miguel! MIGUEL! Meu caçula vinha ao seu lado com um olhar de garoto que abusou do melado. Um olhar familiar. Mirela notou a minha presença e lançou-me um daqueles seus olhares de mulher fatal. Esgueirei-me até a cozinha, em busca de algo mais forte que o ponche de frutas que centenária vó Dinda fazia questão de entuchar em todos. Vasculhava o armário de bebidas quando vi Miguel vindo ao meu encontro. Gelei. Tomei um gole da primeira garrafa que encontrei. O líquido desceu queimando minhas entranhas. Miguel disse: papai, aprendi umas coisas muito legais com a Tia Mirela, ela me disse que você gostaria de saber. Perdi o ar. Havia duas coisas em que Mirela era expert: sexo e me fazer passar vergonha. Certa vez, na casa da Senhora Concheta, Mirela me fez crer que a filha da Senhora Concheta me desejava. Me falou das confidências que a meninota a tinha feito, dos seus desejos por mim. Eu já contava com meus dezesseis anos e, convicto que a guria me desejava, lancei-me em galanteios. Jussara, que já estava noiva de um fidalgo qualquer, fato que eu desconhecia por completo, esculachou-me e levou o caso aos meus pais. Maldita Mirela! Sexo e me fazer passar vergonha, seus esportes preferidos. Comigo e Miguel, juntou os dois, iniciara o menino nas artes da felação e, ainda por cima, recomendou-lhe que me contasse. Maldita Mirela. Miguel, meu filho, falamos depois. Depois não, aos doze anos, Miguel era a minha cópia física, mas seu gênio era inversamente proporcional à minha calmaria. Não se daria por vencido, ainda mais que tinha o trunfo de ter-me visto bebendo às escondidas. Vamos papai, vamos lá fora. Jesus! Josefa nos olhava desconfiada. Fez sinal para que voltássemos à festa. Miguel sorria quase enebriado. Mirela flanava por entre os familiares. No quintal, Miguel disseme: preste atenção, papai. Nada nesta mão, nada nesta outra mão e... tcharam! Uma moeda. Uma moeda de 50 centavos, daquelas com o Duque de Sei Lá Onde. Senti as pernas fraquejarem. O que sua Tia te ensinou? Mágica, papai. Mágica! Josefa pegou-nos em flagrante. Suspendeu Miguel pela orelha esquerda enquanto me lançava seu olhar de reitora do convento. Passamos os dois para o salão. Miguel logo foi-se divertir com os primos. Eu passei o restante da noite colado em Josefa. Quando a orquestra já se preparava para tocar uma polca daquelas que expulsam até demônios, éramos eu e Josefa o último casal a se despedir. Josefa e Mirela se cumprimentaram como a falsidade que manda o protocolo. A mim, Mirela disse-me ao pé do ouvido. Teu guri já bem sabia o que fazer com o meninão dele, certifiquei-me que sim, logo, restou-me ensinar-lhe umas mágicas. No banco detrás do DKW, Maria Eduarda e Eduarda Maria dormiam. Miguel, com seu sorriso de Monalisa, entretinha-se com a moeda mágica. Josefa, ao meu lado, contava algo sobre alguma intriga entre os parentes de Ourinhos por conta de dinheiro. Minha mente rodopiava. Antes de colocar Miguel para dormir, tomei coragem e perguntei-lhe sem rodeios: Tia Mirela pegou no seu meninão? Meninão, questionou-me. Sim, sua maquininha de fazer xixi. Miguel fez uma cara horrorizada e correu para a saia da mãe. Maldita

Mirela! Entre os seus esportes preferidos, o sexo e me fazer passar vergonha.

Volcano

Durval achava que essas coisas só aconteciam nos filme. Filmes daqueles, de sessão da tarde. Daqueles do Jerry Lewis, do Steve Martin ou do Adam Sandler – a depender da sua idade, caro leitor. Naquela tarde Durval teria que entregar o trabalho final, um ensaio sobre as possibilidade de uma Educação para além do Capital. Foram três meses escrutinando a obra do Mészáros. Três meses de tortura, afinal, Durval era o mais fervoroso defensor de uma educação mercadológica. Caíra num Grupo de Trabalho marxista por um desses infortúnios de quem precisa cumprir, a qualquer custo, com os créditos e prazos para a defesa de sua dissertação. Intitulada "Educação 2.0: transformando velhas olarias em negócios inovadores", sua dissertação era motivo de chacota entre os seus colegas e professores do GT. Seu orientador já havia declarado: Durval, isso é suicídio acadêmico. Ignorando que remava contra a corrente materialista histórica, Durval reuniu forças e fez o ensaio de sua vida. Rebateu categoricamente todos os argumentos do velho húngaro e preparou-se para a peleja daquela tarde como um moinho de vento frente a dezenas de queixosos Quixotes. Faltando cinquenta minutos para as quatorze horas, Durval achou por bem forrar o estômago não com uma, mas três apetitosas empadas de frango da cantina da Dona Pompéia. Chegado a uma ardência, Durval não economizou no molho de pimenta, cuja receita secreta Dona Pompéia não revelava nem sob tortura. Saciado e confiante nas palavras que diria durante a sua exposição, Durval palitava os dentes quando a primeira pontada fez tremer a banqueta na qual repousava o esqueleto. A segunda pontada foi derradeira. Em coisa de três ou quatro passos, Durval venceu os 50 metros que o separava do sanitário masculino. A terceira pontada já se fazia sentir nas entranhas quando Durval, pobre Durval, cometeu o erro mais básico de toda a história dos usos de sanitários: entrou, travou a porta, arriou as calças, deixou que a natureza seguisse seu curso e, depois cinco minutos de sucessivas erupções escatológicas, verificou que não havia papel higiênico. Enxugou o suor da testa na barra da camisa e, de forma calculada, moveu o quadril o suficiente para ver que o estrago provocado pelas apetitosas empadas de Dona Pompéia deixavam o Vesúvio no mesmo patamar de uma

acne adolescente. Faltando vinte e cinco minutos para o início das apresentações, Durval percebeu que uma tentativa de vistoriar os demais compartimentos do sanitário em busca do rolo de papel sagrado teria como efeito colateral um rastro de lava pegajosa – se é que vocês me entendem. Durval corria o risco que alguém entrasse no sanitário, coisa que certamente levaria o incauto cidadão a, no mínimo, intoxicação por gases letais. Tendo como única fonte de celulose aquelas quatro páginas do ensaio que vieram à reboque na corrida ao sanitário, Durval deixou uma lágrima escapar-lhe pelo olho esquerdo. Fez os cálculos necessários e compreendeu que seria impossível uma assepsia com base nas páginas do seu ensaio. Não havia tempo hábil para imprimir uma nova cópia do mesmo antes das quatorze horas. A mochila repousava na mesa da cantina e dentro dela o pendrive com o arquivo do Word. A livraria ficava noutro bloco. Para ajudar, lembrou-se que gastara seus últimos tostões nas apetitosas empadas, o que o deixava só com as cuecas. Cuecas! Claro. Durval já considerava se valer da cueca samba-canção para o processo de assepsia quando se lembrou do bordado cuidadosamente feito por sua querida mãe, Dona Lavínia. Desde garoto, Durval tinha o nome bordado em todas as suas roupas. Já adulto, o hábito prosseguiu ao menos nas cuecas, único item do vestuário de Durval cuja aquisição que ainda estava sob a responsabilidade materna. Se a cueca fosse descoberta, seria praticamente uma dupla confissão. Sentiu que outra lágrima lhe escapava do olho esquerdo. Faltando sete minutos para as quatorze horas, num ato de desespero, arrancou a dentadas o bordado, rasgou a cueca em três e desfez o estrago. Meteu todas as provas materiais daquela história no saco da lixeira e deu-lhe um nó para que nenhum arqueólogo fosse lá bisbilhotar. Acionou a descarga e deixou a água correr mais do que qualquer ambientalista aprovaria. Saltou para fora do compartimento, lavou as mãos com os trezentos e quinze mililitros de sabonete líquido que restavam no dispensador. Repetiu o processo com os duzentos e trinta e oito mililitros de álcool gel e, com a sua melhor cara de nada, respirou fundo (o que foi uma péssima ideia). Saiu do sanitário meio tonto, deu a volta numa das colunas, cortou por detrás de umas mesas, saltou por uma pequena grade e, como se viesse do lado oposto ao que estava, recolheu sua mochila com um minuto de folga para as quatorze horas. Notou que alguém entrava a passos largos no sanitário e gelou. O ensaio! Meu deus, o ensaio! Na ânsia de livrar-se daquele pesadelo, havia

deixado o ensaio sob a pia. Tremeu. Duas lágrimas escaparam-lhe, cada uma por um dos olhos. Aceitou o seu destino e subiu para a sala de aula. Sentou-se ao fundo. Eram duas e trinta e cinco quando o professor Peçanha entrou na sala. Alegou um contratempo de última hora para justificar seu atraso. Com cara abatida, dispensou todos e pediu-lhes que os ensaios fossem entregues na próxima semana, exceto o do Durval, o qual já havia lido e que, diante das circunstâncias, merecia nota dez.

Doutor Paranhos

O problema com os médicos é a especialização. Da clínica geral à escolha de uma especialidade, algo se perde: o humano. No fim das contas, deixamos de ser quem somos e passamos a ser apenas um punhado de pulmões, corações, ossos, pés, peles ou visículas. A mente do Paranhos navegava em pensamentos difusos sobre a prática médica quando o interfone tocou pela quarta vez. Dr. Paranhos, a paciente continua aguardando. Mande-a entrar, disse Paranhos ajeitando o colarinho. Bom dia, doutor. Bom dia, dona... dona... Elisete, doutor. Ah, sim, dona Elisabete, pois não, o que sentimos hoje? Me dói o peito, doutor. O coração. Dr. Paranhos, Juca do Limão nos tempos da faculdade de medicina, decidiu ser menos especialista. Diante de dona Elisete, teve um rompante de humanismo. Aconetceu algo, dona Elisabete, que pudesse desencadear essa dor? Dona Elisete não entendeu a pergunta. O peito lhe doia, o coração batia de forma estranha, como poderia ela saber o que lhe passou com o coração? Não era ele o cardiologista indicado pelo plano de saúde? Não sei, doutor. Paranhos levantou-se e contornou sua mesa, colocando-se ao lado da ressabiada paciente. Pondo a mão em seu ombro esquerdo, perguntou, como andam as coisas em casa, dona Elisabete? Sem saber ao certo o que dizer, dona Elisete disse que Joaquim, o marido, havia morrido. Por deus, dona Elisabete! Paranhos tomou-lhe as mãos em sinal de respeito e deu-lhe os pêsames. Mas morreu de que o seu Joaquim? Bactéria, disse ela sem saber ao certo de que mal sofria aquele médico. Bactéria? Paranhos rodopiou sobre os calcanhares e afastou-se de dona Elisete. Qual bactéria, perguntou enquanto tentava atrapalhadamente abir o frasco de alcóol gel promocional que o último representante de laboratório deixará em seu consultório. O peste, doutor. Peste? Paranhos não sabia o que pensar. Teria ele perdido algum noticiário? Logo ele, viciado em telejornais! Peste? Seria mais uma daquelas enfermidades que pulam dos bichos para os humanos? Peste, mas que peste, dona Elisabete? Bactéria era um marginalzinho das redondezas do Capão, bairro rural no qual dona Elisete vivia desde seus catorze anos. Lá conheceu Joaquim. Lá casaou-se com Joaquim. Lá descobriu que Joaquim não valia nada. Joaquim se acabou nos vícios: a

bebida, o jogo e os rabos de saia. Há dez anos que dona Elisete havia desestido do marido. Ignorava suas traições. Ignorava suas bebedeiras. Ignorava o jogo do bicho. Devotou sua vida a Jairzinho, o único filho, estudante de direito na capital. Com muito custo, dona Elisete fez o pequeno roçado de leguminosas render o suficiente para ver o menino ter um futuro melhor que o dela, melhor que o de Joaquim, cujas dividas de jogo não foram esquecidas por Bactéria. Dona Elisabete? Dona Elisabete? Paranhos notou que a paciente estava em outro mundo. A morte do marido, na certa, havia abalado aquela pobre mulher. Mal sabia Paranhos que dona Elisabete, digo Elisete, quando soube da morte matada de Joaquim, abriu a cidra que tinha na geladeira desde o último natal e deleitou-se com uma pequena embriaguez. Desculpe, doutor. O que o senhor disse? Dona Elisabete, sua dor no peito nada tem que ver com a cardiologia, mas com a ciência da alma. Dona Elisete não ouviu a última parte, as pontadas no peito a fizeram perder a cor. Paranhos a serviu um copo de água. A ciência da alma, os problemas de dona Elisabete eram de outra ordem. A tristeza pela perda do homem amado, do companheiro de uma vida, foi o diagnóstico. Vou encaminhá-la para o Figueira, psicólogo e amigo dos tempos em que Juca do Limão era o centro das atenções nas festas universitárias da faculdade de medicina. Figueira há de tratar dessa dor, dona Elisabete. Elisete. Quem? Elisete, doutor. Com o papel timbrado com o pedido de encaminhamento, dona Elisete, sem saber de suas dores, caminhou até a recepção. Paranhos despediu-se não sem antes dizer uma frase de animo à paciente. O universo conspira, dona Elisabete. Elisete, disse a recepcionista. Sim, sim. Paranhos acenou com a cabeça enquanto fechava a porta. De volta a sua mesa, Paranhos sentiu-se feliz por ter se desprendido da frieza da especialização. Não, ali não havia apenas um coração. Ali havia uma mulher cheia de vida, de história, de sentimentos. Quarenta e cinco minutos depois, o corpo de dona Elisete dava entrada no necrotério municipal. Infarto.

Tocaia

Sentamos para beber uma cerveja. Na mesa ao lado, quatro cavalheiros trocavam confidências. Talvez pelo alto teor alcóolico em suas correntes sanguíneas, o volume de suas vozes também estava elevado. Um deles, na casa dos seus cinquenta e tantos, se gabava do fato de sempre camuflar seus deslizes com a amante. A esposa, certa vez, encontrara um vidro de esmalte que não lhe pertencia no carro do marido. Com voz de barão, colocou-a no seu devido lugar. Ora, onde já se viu, aquele esmalte poderia ter vindo das mais inusitadas situações e, obviamente, nenhuma delas relacionada a existência de uma outra mulher. Rapidinhas nas pousadas urbanas, aquelas cujo movimento no horário do almoço concorre com os drive-thru dos fastfoods. Dia desses, por uma casualidade, estacionei em frente a um desses estabelecimentos justamente na hora do almoço. Foram menos de quinze minutos, o suficiente para ver, além do entra e sai de carros, rostos em esquiva toda vez que davam com a minha cara. Fazia o calor típico de um início de tarde quente em Sorocaba, eu mantinha todos os vidros do meu carro abaixados. Posicionado de cara com o portão da saída de um desses sei lá o nome, motoristas e acompanhantes, incautos, ainda risonhos, fechavam seus rostos ao se depararem com meus ray-ban escuros, barba mal feita e sobrancelhas de lobisomem. Meu deus, será um detetive particular, certamente foi o que se passou pela cabeça da jovem senhorita do sedan vermelho. Não, imagina, é algum vagabundo, detetives são discretos e eu estava mesmo era a me divertir. No utilitário de luxo, o motorista, ao dar de cara com o este Ed Mort de araque, titubeou. Embicou para a direita, deu seta para a esquerda e saiu cantando pneus enquanto sua passageira enfiava o rosto na bolsa. Talvez tenha sido numa dessas situações que o vidro de esmaltes do início de nossa conversa tenha vindo a cair sob o banco do cinquentão. Vá saber! Pois bem, voltando a minha tocaia incidental, houve o casal de moto, feliz e faceiro, o motorista até me deu um aceno. É que nem sempre as pessoas estão a cometer adultérios. Nada pude ver da pick-up insulfilmada que entrou logo depois da saída de um Uno de firma, daqueles com escada e tudo, certamente era o rapaz que conserta os ares condicionados, visto que ia solitário e na sua porta pude ler algo que terminava com "tec". Passados os quase quinze minutos, dei-me conta que estava esperando no lugar errado. A mensagem no celular, aonde você está?, me trouxe a realidade. Sem saber, três minutos após a minha saída e a pedido do dono do estabelecimento, uma viatura da polícia chegou ao local para investigar o investigador casual, inadvertido, que já havia, para seu bem, partido.

Sala de espera

Sete horas e vinte e seis minutos de uma manhã de qualquer-feira. Trinta e dois. Trinta e dois. Entre os dedos do jovem de chinelos, um pedaço de papel amarrotado. É o meu, moça? Ainda não. O semblante cansado do senhor de camisa azul contrasta com a energia do menino de short vermelho que rasteja por entre os bancos. Trinta e seis. Trinta e seis. Quatro beatas fazem roda na antessala. Nada lhes escapa. Onde já se viu, deixar criança solta assim. E aquela, aposto que está grávida. De novo, completa a companheira. Trinta e nove. Trinta e nove. O enfermeiro de olhos castanhos chama alguém. Ambos discutem. O enfermeiro leva as mãos à cabeça, gira sobre o próprio calcanhar. A palavra lhe para no meio do caminho, algo entre a laringe e os dentes. Um sopro de ódio lhe escapa. Quarenta e um. Quarenta e um. A senhora de óculos bifocais me pergunta onde se pega a senha. Aponto para o lado. Pega para vovó, diz ela para a adolescente que a acompanha. A menina da tranças serpenteia por entre as gentes, cruza com o menino de shot vermelho e retorna com o papel. Setenta e sete, ela me mostra. O seu é qual? Nenhum, eu digo. É que nessa história sou apenas o narrador. A minha frente, outra senhora, a senhora de cabelos brancos. Aproveito o momento para me retirar da trama, cedo meu lugar a senhora de cabelos brancos que de pronto compara sua senha com a senhora de óculos bifocais. Quarenta e três. Quarenta e três. Movo-me para o canto, próximo à coluna. O ventilador range mais que venta. Sob ele, duas garotas conversam animadas. A de brincos de pena mostra a de batom vermelho as fotos do fim de semana. Dois médicos atravessam o saguão. Um deles ajoelha-se para mexer com o menino de shot vermelho. Parecem conhecidos. O outro observa o ventilador. Seu olhar cruza com o do senhor de camisa azul. Há entre eles uma sutil comunicação. Cinquenta. Cinquenta. Meus olhos repousam sobre os rostos de cada uma daquelas pessoas. Tento guardar detalhes. Imagino suas vidas. Me perco em possibilidades de os descrever, de como tramá-los nos meus textos. Absorto, cansado pela espera, meneio a cabeça, como quem busca relaxar a musculatura do pescoço. Num lance, vejo-a colada ao teto. Sua mortalha negra, sua foice polida. Seu rosto se perde na escuridão, mas eu sei que ela

sorri. Cinquenta e seis. Cinquenta e seis. Vamos! A voz de minha companheira me tira da hipnose. Demorei muito? Não, não. E antes que engatássemos a conversa sobre como fora a consulta, espreguicei-me como desculpa para olhar mais uma vez para o teto. Lá estava ela. Esteve ali o tempo todo, como eu, observando. Esperando...

A Praça

A praça era o mundo. Todo bairro tem uma, ou deveria ter. A minha tinha uma grande árvore no meio e ao seu redor uns bancos de concreto. Nos canteiros, grama e mais algumas arvorezinhas. O passeio era de terra. Nele jogávamos bolinha de gude. Sobre os bancos de concreto, jogávamos bafo. Na grama, a diversão era pescar formigas com hastes de capim. Com a ponta mais macia do capim inserida na boca do formigueiro, ficávamos a espera que um formigão o beliscasse e, de pronto, suspendíamos o inseto ao ar, dependurado no capim, para o deleite dos colegas. Os mais corajosos testavam sua resistência no poste de luz. Talvez pela falta de manutenção, o poste de luz dava choques. Choques fracos, suficientes para fazer formigar o braço. Entre uma brincadeira e outra, alguém era desafiado a segurar o poste o máximo de tempo possível. Descalço, era preciso estar descalço, ainda que naquela época todos andássemos descalços. A praça era o lazer, mas era campo de guerra também. Brincadeiras sempre acabam em desentendimento, talvez por isso quando adultos, tendemos a brigar no trânsito ou na fila do banco. Se o homem é o lobo do homem, quando meninos, somos lobinhos nada obedientes e alertas. O escotismo sempre me pareceu coisa plástica, artificial. Na praça, quando no gude, no bafo ou no desafio do poste, alguém se desentendia, a porrada comia solta. Pedrada, chute no saco, voadora na cara, não havia espaço para amadores. Até a formiga pescada, que me perdoem os ecologistas, ia parar na boca de algum desafeto. Não bastava dar rasteira e derrubar, esfregava-se a cara do oponente na terra. As mães se faziam acreditar nas desculpas de os arranhões serem de brincadeiras. A ida para a casa no meio da tarde só podia significar uma coisa: buscar uma lata de óleo lizza. Lata de novecentos mililitros, de latão, cuja extremidade superior era removida com o abridor de latas e cujo corpo servia de luva. Encaixada no punho, a lata deixava a armadura do homen de ferro no chinelo. O soco de lata dava onde dava. Nas costas, no peito, na cara. Maloqueiros, dizia a velha que observava os pequenos gladiadores pela janela da cozinha. Quando não estávamos brigando de socos de lata, a lata servia de totem para o jogo de bétis. Dois cabos de vassoura ou ripas de madeira, duas latas e uma bolinha.

Era o suficiente para, depois de duas ou três rodadas, a maçaroca infantil virar vassourada, latada e saltos no vácuo com joelhada. Nos casos extremos, se formavam as tropinhas. A tropinha do Ticão, do Zinha, do Beronha, do Sonzi. Alistávamo-nos numa e partíamos para o cacete. Fora da praça, o universo! Novamente, os ecologistas que me perdoem, mas saíamos tacando fogo no mato. O cabo de vassoura do jogo de bétis, quando não era porrete nas costas da tropinha inimiga, era suporte para o frasco de xampu em chamas, pingando breu por onde quer que passássemos. É que naquele tempo, mesmo que já existisse essa tal ecologia, ela não nos chegava. Assistíamos ao Bozo louco no pó. Assistíamos o couro comer nas brigas entre Tom & Jerry, entre o Coiote e o Papa-Léguas, entre o Pica-Pau e o Zeca Urubu. A noite, já cansados e com medo dos morcegos que rodopiavam por entre as árvores da pracinha, fazíamos as pazes. Íamos para nossas casas sujos, fedendo, arranhados, escoriados e com o embrião do berne que, duas semanas adiante, seria tirado das costas com um pedaço de toucinho. Enviados direto para o banho, não sem umas boas chineladas, as duas horas debaixo d'água, com novo perdão aos ecologistas, nem sempre eram por diversão, é que tirar o cascão do pé era coisa para funileiro! A praça era o mundo. Palco das coisas saudáveis que fazíamos naqueles tempos em que não havia Internet.

Grilo

Sua constituição física não ultrapassava os um metro e cinquenta centímetros e quarenta e sete quilos e meio. A tênue camada de fibras musculares eram-lhe suficientes para cobrir-lhe os ossos. Quando criança, recebera o apelido de louva-deus. Mais tarde, já no chão de fábrica, chamavam-no chassi de grilo. Para os íntimos, apenas Grilo. Sua história é a historia de qualquer um de nós. Nascido José de Queiroz, Grilo foi mais um lançado neste mundo sem o manual de instruções. Logo cedo, sua avó quis mostrar-lhe o caminho para o céu. Devota, Ludismara, Dona Mara entre os irmãos de fé, carregava Grilo para os cultos. Ainda meninote, Grilo percebeu que sua vinda ao mundo, além de desprovida do manual de instruções, se deu desprovida de fé. No culto, o blábláblá do reverendo era um relés ruído de fundo. Grilo tinha sua atenção voltada às luzes cintilantes da cidade, aquelas que se podiam ver por uma das frestas do imenso vitral da igreja. Apesar dos protestos de Dona Mara, durante a adolescência Grilo trocou a igreja pelo bar. Seus pais, pouca atenção davam ao pequeno Grilo — a eles daremos pouca atenção também. Pequeno tanto em proporções físicas como no gosto popular. No alto dos seus 25 anos, Grilo era apenas uma sombra. Pouca sombra, como gozavam os amigos da escola técnica. Viva por entre bêbados e vagabundos desde os treze anos. Servia-lhes de office boy, indo e vindo com recados e pequenos favores. Bebericava as doses de pinga, rabos de galo e outras misturas típicas dos balcões encardidos e mal servidos pelos Seus Raimundos da vida. Quando algum anônimo mais abastado resolvia, tomado pela generosidade que somente uma quantidade de álcool no sangue é capaz de prover, pagar uma rodada para a trupe de boêmios, Grilo, valendo-se de sua ágil pequenez, era o primeiro a receber uma dose de Old Eight. Comia o que restava nas panelas da casa. Dormia num colchão, num canto, num pequeno quarto que dividia com seu moribundo avô e duas galinhas d'Angola, mimos de Dona Mara apenas as galinhas, que fique claro. Na fábrica, por benevolência do Senhor Aparecido, conseguiu o posto de auxiliar de almoxarife. Das oito às dezoito ajudava Rubens da Mata, o Rubão, com as prateleiras lotadas de peças. Rápido como um camundongo flagrado pelo acendimento de uma luz qualquer, Grilo subia e descia as escadas corrediças catalogando, organizando e despachando todos os pedidos que Rubão ordenava de sua confortável cadeira de supervisor. No fim do dia, Grilo afogava seu cansaço em opacos copos de cerveja barata. Sem saber como nem porque, sem se dar conta dos dias e noites, Grilo seguia existindo, sem o manual de instruções. Nos fins de semana, quando o salário permitia, Grilo se dava ao luxo de um passeio pela cidade. Anônimo, Grilo se metia em meio às luzes que contemplava quando meninote. A avenida central, repleta de bares de balcões limpos e atendentes sorridentes, cheios de gente bonita, gente que bebia misturas coloridas com frutas e pequenos guarda-chuvas, gente que bebia cerveja cara em copos translúcidos. Anônimo, Grilo encostava sua carcaça num poste, acendia um cigarro e, por algumas horas, misturava-se às sombras. Seus olhos miravam um mundo que não era o seu. Um mundo cujo o blábláblá do reverendo denunciava como o fins dos dias. Um mundo no qual as pessoas pareciam saber exatamente o que fazer. Pobre Grilo, mal sabe que aqueles drinks coloridos com frutas e guarda-chuvas não passavam de cervejas baratas em balcões encardidos, placebos. Todos, sem exceção, jogados no mundo sem o manual de instruções. Na volta, caminhando sob a brisa fresca da madrugada, Grilo deixava escapar uma lágrima. Já enrolado nos trapos que fazia de coberta, antes de entregar-se ao sono, como em todas as noites, Grilo voltava-se para o seu moribundo avô com um pergunta na mente. Uma pergunta nunca feita em voz alta. A vida é isso mesmo? A vida é isso mesmo, disse Dona Mara quando acordou Grilo. O corpo do avô já não estava lá. Nem a cama, para dar mais espaço para as d'Angola. A vida é isso mesmo.

UrGente

O tempo urge. Estaciono meu carro e sigo para o prédio no qual dou aula. São sete e meia. Um aluno me aborda logo na saída do estacionamento. E ai, professor? Tudo bem? Tudo bem. Ele tem uma dúvida e anseia por sanála. Eu tenho que bater o ponto. A angústia me toma logo cedo, sei que se atrasar no ponto, serei descontado. Sei que se parar para atender o aluno, me atrasarei. Devo deixar o aluno em suas dúvidas e cumprir com o protocolo do relógio de ponto? Devo atendê-lo? Afinal, meu ofício de mestre não é mais que um bater cartões? Ó dúvida. O tempo urge. Me acompanhe até o prédio, digo a ele. Vamos, peripatéticos, trocando ideias pelos corredores. De frente a sala dos professores, peço um instante, preciso entrar e registrar minha presença. Agora, suba comigo até o terceiro andar. Ele me acompanha aos tropeços, o caminho me é familiar, me é cotidiano. Ele explana suas dúvidas, eu as diluo a cada lance de escada vencido. Já em frente a sala de aula, ele me agradece. Aulas de corredores, uma de minhas especialidades. Noutro canto da cidade, Rogério segue em zigue-zagues pela rodovia. O tempo urge. Cada quilômetro tem ares de fórmula um. Os segundos dão lugar aos décimos de segundos. Vai, vai, vai! Raios, a toupeira no carro à frente reduziu diante da amarelidão do semáforo. Amarelou, Rogério teria avançado, reduzido a marcha e socado o pé no acelerador. O tempo urge. Depois de cumprido o ritual dos registros, sentome à mesa para aguardar os alunos. É que o tempo urge de formas distintas. Para uma sala de aula, sete e quarenta pode bem ser oito e cinco. Bem, ao menos para os alunos. No trânsito, Rogério, esbaforido, maldiz o tráfego intenso. Teriam todos saído justamente ao mesmo tempo que ele? É que Rogério, assim como eu, tem um ponto a bater. O relógio, mais que o relojoeiro, dita as regras. Os ponteiros apontam-nos, julgam-nos. No tiquetaque, no zigue-zague, Rogério, esbaforido, perde a prova. É que às vezes, sete e quarenta é sete e quarenta mesmo, sem choro, sem desculpas, sem piedade. Acordasse mais cedo, saísse mais cedo. O inferno, já dizia Sartre, são sempre os outros. Não levem a mal o meu colega professor, o que aplica a prova. Ele apenas reproduz o tique-taque, vive no zigue-zague, apontado, aponta. Regrado pelo ponto, passa a regrar a si e aos demais. O tempo urge.

Cá na minha sala, o movimento de nádegas dormentes denunciam que estamos perto das nove e vinte, hora de partir. É que o relógio que nos cobra a entrada, nos empurra à saída. A fila anda. O tempo urge. No corredor, uma aluna me chama. Professor, perdi sua aula de ontem, posso tirar uma dúvida? Acompanhe-me, acompanhe-me, por favor. Peripatéticos, vamos eu e ela, trocando ideias. O tempo urge.

K7

Sou daquelas pessoas que ainda ouvem rádio. Pelas manhãs, enquanto preparo meu café, ouco o noticiário num aparelhinho sem vergonha, daqueles comprados em camelôs, bem chineses, bem baratinhos. Às vezes ouço o noticiário no rádio do carro, mas o habitual dentro do carro é eu ouvir música. Basicamente alterno entre duas estações, aquela do noticiário e uma outra que tem sua programação dedicada exclusivamente ao Rock & Roll e seus sub-gêneros. O Rock & Roll sempre foi a minha praia, ainda que eu goste muito de outros gêneros. Às vezes me deleito com um Puccini, um Beethoveen, um Mozart, para ficar nos mais popstars. Às vezes me deixo embalar por alguma moda de viola, daquelas bem sofridas, que cantam as amarguras do caipira, mas me deixo levar também por aquelas que cantam as alegrias. Só não sou muito chegado aos sertanejos que, universitários, se enveredam pelas cenas urbanas, pois se é para ser urbano, prefiro a periferia do Punk, o Sex and Drugs das pedras rolantes. O mundo do Rock é vasto. Meu espectro de preferências gravita mais no prazer que as melodias me proporcionam que nos vanguardismos ou ativismos. É que sempre tem aquele povo para o qual música deve ter mensagem, deve bandeira. chacoalhar artístico-conceituaisdeve causar rupturas performáticas, seja lá isso o que for! Pois para mim, música é e pode ser apenas música. No rádio toca um roquinho do Nickelback, banda que faz, ao meu ouvir, um sonzinho honesto, sem grandes pretenções, sem grandes bandeiras, é gostoso de ouvir. Tem gente que não gosta, xinga, fala mal e ainda dá espinafrada em quem ouve. É aquela velha história: gosto é gosto, cada um tem o seu. Nos tempos dos bailinhos de garagem, a molecada nem ligava se a música tinha uma poética complexa e declamava nuances nerudianas do amor. Bastava ter um ritmo lento, ser gostosinha de ouvir, pois nos bailinhos o objetivo mesmo era ficar de rosto colado com a crush, sentir-se o maioral ao dançar com a menina mais bonita da turma. Vanguardismos e salvem as baleias não tinham vez, apenas as baladinhas mela-cueca do Brian Adams. E por falar nisso, certa vez, lá pelos fins dos anos 1990, num tradicional motel da cidade, numa suíte que vinha equipada com um aparelho de som, um Micro System Aiwa, encontrei nele,

esquecida, uma fita cassete do Jethro Tull – sim, uma fita cassete. Quem, pensei eu à época, transa ouvindo Jethro Tull? Vai saber quais fantasias sexuais passaram pela cabeça de um casal ao som de Aqualung! Bem, desnecessário dizer que a ocasião faz o ladrão, assim, naquela noite... Aaaquaaaluuuuuuung. Oi? A fita? Perdeu-se em alguma gaveta qualquer!

Líquida ação

Absortos, hoje em dia andam todos absortos com o brilho do cristal líquido. Tempos líquidos, dizem. Tempos em que as relações se liquefazem nos liquidificadores e nas liquidações. Absortos, voltados para si mesmos, alheios ao mundo vasto mundo. Dia desses, num desses momentos de absorção, caminhava eu por entre as fileiras de produtos do mercado. Olhos colados na tela luminosa do smartphone. Para os olhares distraídos, alheios ao meu microcosmo, mais um zumbi digital, desses que dá mais importância aos Apps que aos irmãos primatas superiores, os ditos antropóides. Enquanto isso, uma senhorinha que esconde com produtos químicos sofisticados a sua brancura capilar tece maus juízos sobre este jovem e desleixado zumbi digital que, na tela hipnótica, busca informações sobre os ataques nas Ramblas catalãs. É que neste meu mundo vasto mundo, calhou-me ter uma mãe importada. E sendo mamãe fino produto europeu, tenho lá nas terras do velho mundo alguns familiares. Mal sabe o senhor de bigode imponente, gravata de seda e ar de aristocrata, que junto da senhorinha trama comentários apocalípticos sobre a minha juventude perdida naquela tela satânica, que eu estou, naquele mesmo momento, lendo as postagens de parentes que dizem estar bem, apesar de todo o terror que a cidade de Barcelona vive naquele instante. Aliviado ao saber que entre os meus parentes tudo está bem, sigo na minha tarefa cotidiana de abastecer a casa com os itens em falta. Ao me lado, no corredor das guloseimas, uma garota de seus quinze ou dezesseis anos anda agilmente por entre gentes e carrinhos de compras, ainda que com os olhos absortos, colados na tela do seu smartphone. Ela digita freneticamente enquanto faz caras e bocas. Eu a observo anônimo. Com quem será que ela conversa? Terá parentes na mesma Catalunha que eu? Pelas caras e bocas, não. Ela sorri enquanto digita, vez ou outra morde os lábios como quem sente o calor adolescente das paqueras. Talvez seja um crush, talvez a BFF, tanto faz, lá no seu mundo vasto mundo, a vida pulula. Eu, cá no meu, agora estou de olho nas promoções do App do próprio mercado. O queijo gouda está com quarenta porcento de desconto pelo aplicativo. Um correr de dedos para ativar a promoção, uns poucos cálculos mentais e um belo e vigoroso naco de gouda

vem para o carrinho. Ao longe, na fila preferencial, a senhorinha e o senhor bigodudo agora têm olhos para a menina que antes me chamara à atenção. Perdidos, todos perdidos, penso eu na fila dos caixas rápidos. Será o destino de toda uma geração a incompreensão de tantos e tantos mundos vastos mundos? Absorto em tais confabulações, alguém me toca o ombro. Uma outra senhorinha, também de cabelos brancos escondidos sob as químicas do corredor de cosméticos, de olho nos conteúdos do meu carrinho, me pergunta: esse é o queijo do aplicativo, moço? É sim. E é bom? É sim, se a senhora gostar de queijos. Sacando o seu smartphone da bolsa, com uma piscadinha de olhos, ligeira, líquida, a senhorinha pôs-se em marcha ao corredor dos laticínios. De olhos colados nos pixels cintilantes do smartphone, desliza os dedos sobre ela para garantir um belo naco de queijo gouda com quarenta porcento de desconto. Mais tarde, no grupo do Whatsapp da família, Vó Clementina posta a foto do queijo gouda com os dizeres: tá barato! tá gostoso.

Tobias

Tobias olhou para os dois lados do galpão. Primeiro o esquerdo, depois o direito. Certificou-se que nenhuma alma testemunharia sua covardia.

Há tempos Tobias era o saco de pancadas da firma. Todos, sem exceção, zombavam dele. Uns descaradamente, outros, pelas costas, nas conversas ao redor da mesa do café. Até mesmo dona Judith, a copeira, aquela doce senhorinha que, de hora em hora, renovava o café nas garrafas térmicas. Café que aromatizava o escárnio sobre Tobias. Justo ela, agora, puxava o corredor polonês das palavras. Palavras baixas, palavras que vertiam fel. Dona Judith, pensou Tobias. Seria ela, ou melhor, através dela, que Tobias se vingaria. Sim, seria o café o veículo da sua vingança. Café que ele, Tobias, sequer gostava. Nunca fora dado aos fetiches do café. Nunca compreendeu direito as aglomerações e conversinhas em torno do café. Embora nunca tenha sido chamado a bebê-lo com os demais, achava-o ruim. Certa vez, sem que ninguém o visse, bebericou uma ou duas gotas. Foi o suficiente para que o asco lhe tomasse. O café lhe enjoava. Não o de dona Judith, mas qualquer café. Talvez por isso, pelo desprezo ao café, tenha sido justamente o café o seu eleito. Escrutinou a memória em busca do horário de maior movimento no canto do café. O canto asqueroso onde pessoas asquerosas diziam: Até quando vamos aturar o Tobias? Vejam, lá vem o Tobias, credo. Sai daqui, Tobias, ninguém te quer. Jurandir, o porteiro, todos os dias esperava, de tocaia, a chegada de Tobias. Tão logo Tobias lhe dava às costas, cuspia-lhe. Não um cuspe qualquer, mas daqueles, catarrentos, cuja a viscosidade impregnava a quem lhe fosse alvo. E o alvo era sempre Tobias. Às vezes errava, às vezes acertava. E em ambos os casos, Tobias seguia em silêncio, escravo de sua condição. Quando o dono da firma estava por perto, todos se faziam de bons-moços, uns até verbalizavam, hipócritas, uma saudação ao Tobias na frente de Seu Cróvis. Sim, Cróvis, com érre mesmo. Na certa, um erro de registro. Seu Cróvis nascera na roça, em tempos outros. Mas, calma lá, a história é sobre o Tobias! E Tobias tinha a afeição de seu Cróvis. Era o único que se achegava no canto de Tobias, estrategicamente colocado o mais distante possível da mesa do café. Mas seu Cróvis, depois de percorrer o galpão, recolhia-se em seu escritório a contabilizar a empresa. Tobias, longe de seu protetor, voltava a ser alvo dos olhares maldosos, das palavras virulentas. O café! Tobias arquitetava seu plano há dias. O melhor horário: após o almoço. Ao meio-dia todos se ausentavam para comer no restaurante próximo. Todos, menos dona Judith, que almoçava ás treze horas. Havia uma pequena janela de tempo, cinco minutos talvez. Era o tempo entre dona Judith deixar o café pós-almoço coando na cozinha e ir buscar as garrafas térmicas da mesa do café. A maioria, logo após a volta do almoço, já rondava o canto do café. A porta da cozinha não se via de lá. Tobias teria exatos cinco minutos para sair do seu canto sem ser percebido, adentrar na cozinha e realizar sua vendetta.

Tobias olhou para os dois lados do galpão. Primeiro o esquerdo, depois o direito. Certificou-se que nenhuma alma testemunharia sua covardia. Caminhou sereno até uma pilha de caixas e esperou dona Judith sair da cozinha em busca da garrafa térmica. Fora do campo de visão de todos, Tobias entrou pela porta, saltou sobre a mesa, saltou para a pia e, diante do coador de pano que vertia o negro líquido para um canecão, ergueu a pata traseira e, com uma feição quase humana, com um sorriso de Monalisa, diriam, deixou verter sua urina, a que ele segurava desde a manhã, para dentro do coador. Contou mentalmente os minutos e, ainda que lhe restassem mais alguns mililitros no canal urinário, saltou da pia direto ao chão. Esgueirou-se pela porta e, novamente oculto pela pilha de caixas, passou despercebido por dona Judith, que cantarolava uma antiga canção enquanto trazia as garrafas térmicas vazias. Seguindo o ritual de sempre, dona Judith encheu ambas as garrafas, em uma delas, antes, adicionou as habituais colheradas de açúcar, afinal, era preciso agradar ambos os públicos, os da doçura e os da amargura. Garrafas cheias, voltou à mesa do café, saboreá-lo com os demais colegas.

Tobias ainda era filhote quando seu Cróvis o resgatou. Fora vítima da crueldade de um bando de adolescentes. Haviam queimado-o com plástico derretido, dado-lhe algumas pancadas com galhos de árvore e largado-o à beira da morte numa beira de estrada. Perdera mais da metade dos pelos, tinha uma orelha partida ao meio e faltava-lhe um olho. Seu Cróvis deu-lhe

os cuidados necessários e um canto para ficar. E, do seu canto, agora, Tobias via seus algozes maldizendo o café de dona Judith. Mas que porcaria é essa? Experimenta isso, sua velha louca. O quê você colocou aqui? Em poucos minutos, dona Judith, a doce senhorinha que, de hora em hora, renovava o café nas garrafas térmicas, sentiu na pele a maledicência que somente o bicho humano é capaz. Tobias acompanhou-a com os olhos até a cozinha. Ouviu-a chorar e lamentar, entre suspiros, que aquilo, a forma como fora tratada, não se fazia nem com um cachorro. Nem com um cachorro! Seu Cróvis, que descia para o café, foi alertado. Estava um lixo, tinha gosto de urina, disseram-lhe. À caminho da cozinha, pronto a confortar dona Judith, seu Cróvis percebeu que Tobias não estava mais em seu canto. Chamou-o uma vez. Duas vezes. Três vezes. Nada. Tobias, livre de sua covardia, havia ganhado o mundo, embora ainda estivesse a apenas dois quarteirões do galpão.

Filhos dos Hippies

Os filhos dos hippies, um belo dia, olharam para aquela utopia e decidiram que não queriam mais viver aquilo. Do estilo de seus pais, ficaram apenas os nomes ligados aos elementos da natureza. Foi assim que Sunshine resolveu rebelar-se da rebeldia de seus pais e tornou-se Mrs. Smith. À revelia dos pais, com a ajuda de outros desertores do Peace & Love, internou-os numa casa para idosos. Vendeu as terras onde cresceu livre e descalça e apostou tudo na bolsa de valores. Em pouco tempo a Yuppie apareceria na capa da Forbes. Casou-se com Mr. Clifford, que um dia fora o pequeno Moonlight. Mr. Clifford fez fortuna com a industrialização das compotas de maçã de sua mãe. Vendeu a empresa no auge e hoje investe em tecnologia bélica. Tiveram um casal, Jeremy e Cindy. Hoje, beirando os cinquenta anos, Mrs. Smith anda perdendo os cabelos com os rompantes socialistas da pequena Cindy, distribuindo suas Barbies para as meninas pobres do orfanato St. Jones. Mr. Clifford culpa os professores e essas malditas ficções distópicas que Cindy anda lendo. Mrs. Smith sabe que a pequena Cindy ira rebelar-se da rebeldia dela. A esperança reside em Jeremy, que sonha em servir ao exército e namora a velha Winchester 22, herança do confederado bisavô Clifford-Mud...

Sexshop

Apesar dos pesares, esta é uma história de amor. Filomena levantou-se da cama decidida. Após o habitual café, seguiu para o centro da cidade. Subiu as escadas do Malagueta's Sex Shop e foi direto ao balcão. Bom dia, disse a atendente cujas feições flertavam com algo entre o David Bowie e o Waldick Soriano. Em que posso ajudar? Filomena sustentou o olhar, apesar da vergonha que lhe consumia por dentro. Quero um consolo. A atendente sorriu-lhe e fazendo um gesto com o dedo indicador, sumiu por detrás de uma cortina vermelha logo atrás do balção. Filomena, muito discretamente, deixou os olhos correr pelo ambiente. Uma fauna de artefatos eróticos cujas funções escapavam ao saber cotidiano da viúva-beata de cinquenta e oito anos. Adamastor, seu marido, morrera dez anos antes. Infarto fulminante. Desde então, Filomena guardava luto, Jamais se aventurara a encontrar outro amor, sabia desde pequena que o casamento, ao contrário do que dizem por ai, não acaba quando a morte nos separa. Na igreja de Filomena, o casamento é para toda a eternidade e quando a dama de negro a viesse visitar, poderia então se reencontrar com Adamastor, seu marido. Adamastor era um homem rústico, mas não era rude. Tratava Filomena com a justeza que um homem deve a sua companheira. Apesar da criação religiosa na igreja dos últimos dias, Adamastor não era lá muito católico. Às escondidas dos olhos da ala, bebia sua pinga de alambique, fumava seu cigarrinho de palha e nas noites da juventude, sapecava Dona Filomena em tórridos lençóis. Casaram-se ainda novos, ele com seus dezoito anos, ela com seus dezessete. Prometidos uma ao outro pela fidelidade dos paisbeatos, aprenderam a se amar e a desrespeitar certas regras das doutrinas. Numa fria manhã de inverno, Adamastor queixou-se de uma dor no peito e antes que Filomena pudesse levantar para lhe buscar um copo d'água, Adamastor faleceu. Aqui está, disse a atendente com sua voz cujo timbre lembrava algo entre uma seriema no cio e uma maritaca em tardes de verão. Despertada do mundo de lembranças, Filomena viu diante de si um arsenal de peças anatômicas que a fez corar. Dos mais simples e pequenos aos enormes e motorizados, havia de tudo. Com vibração intensa, com texturas agressivas, com luzes, som e até Wi-Fi! A atendente, percebendo que o

espanto da senhora que titubeava se poderia tocar um deles, antecipou-se e colocou nas mãos de Filomena um Mastodonte 2000 Plus. Jesus! Filomena sentiu que o rosto corara mais ainda. Enquanto a atendente descrevia as características técnicas do artefato, como naquela música da Maria Alcina, Filomena sentiu um calor na bacurinha. Wi-Fi? Sim, Wi-Fi? Mas e para que serve o Wi-Fi? A senhora pode sincronizar a vibração com a batida do Spotify ou, ainda, com os a exibição de filmes picantes no site do fabricante, esclareceu a atendente com um piscadela de cumplicidade, completou: e ainda pode usar como roteador! Roteador? A cabeça de Filomena dava voltas com todas as vozes das beatas enaltecendo seu luto. No fundo, ainda que em vida Adamastor a tivesse mostrado que as doutrinas podiam ser deixadas de lado, após a sua morte, o medo característico das fés a fazia titubear. Será pecado? Será que lá do além, Adamastor a julgaria? Dez anos de luto-castidade e a saudade de um chamego do seu Adamastor a fizeram resoluta naquela manhã e no seu ombro esquerdo, o diabinho lhe dizia, leva mulher. Filomena sequer olhou para o ombro direito para ver se havia anjo a lhe dissuadir daquele disparate. Passou o cartão, pegou o embrulho e voltou para casa com um sorriso de Monalisa. O resto do dia foi um dia normal, de viúva-dona-decasa. A noite, depois de um longo banho, tirou o telefone do gancho, apagou as luzes da sacada e colocou na vitrola um disco do Barry White. Após uma corrida de olhos no manual de instruções, Filomena deitou-se com seu Mastodonte 2000 Plus. Ambrósia acordou assustada, virou para o lado e chacoalhou o marido. José, José! Escuta! O marido pigarreou e sem saber bem o que acontecia, ouviu os gemidos que vinham da casa ao lado. Ó, ah, humm.. ÓÓÓ, ahhh, humm... Aah, Aaahh.. Ahhdamastooooor! Na manhã seguinte, enquanto a atendente espanava o pó das prateleiras do fundo, Filomena, que lhe surgiu nas escadas, ofegante e com um sorriso cujo brilho transitava entre o sol fulgurante das tardes de fevereiro e a chama vigorosa de uma fogueira da Santa Inquisição, perguntou: como configura o tal do Wi-Fi?

Inútil...

Andava tão preocupado com o preço da carne, tão preocupado em bater a meta do mês, tão preocupado em ter o corte de cabelo igual ao do moço que canta na TV, tão preocupado que esqueceu de viver. Naquela manhã, Cláudio acordou com 58 anos a mais. Ou seria a menos? Olhou-se no espelho e viu um rosto cansado demais para reparar nas marcas de expressão, nos cabelos brancos, no amarelo dos dentes. O espelho também lhe mostrava, na parede ao fundo, o pendurador de toalhas, aquele cujo um parafuso faltante o fazia pender para a esquerda. Ou seria direita? Sabe-se lá a quantos anos estava assim. Pegou o caneco, encheu-o de água. Levou ao fogo. Ajeitou o coador, o filtro e a garrafa térmica. Pegou o pote de café. Não havia café. Lembrou que se esquecera de comprar pó de café. A água borbulhava, inútil. Vestiu as roupas sem vontade. Escovou os dentes sem vontade. Sem vontade, buscou a carteira, as chaves, o celular. Afagou a cabeça do gato e, sem vontade, saiu. 7h45, pediu um pingado, um pão na chapa e uma rosquinha. Não, essa não. A de trás. Aquela. Isso, essa. Comeu a rosquinha antes do pão na chapa. Ficou açúcar no bigode. O pão na chapa, matou-o em três bocadas. Ficou manteiga no bigode. Arrematou tudo com um bom gole do pingado. Limpou o bigode com o guardanapo. Na verdade, tentou. O guardanapo era daqueles, papel de seda que não absorve nada. Impermeável, apenas serviu para espalhar, no bigode, a manteiga e o açúcar. Usou o antebraço. O escritório ficava em frente à padaria. Enquanto pagava sua conta, olhou para a TV que ficava acima do caixa. Na tela empoeirada, na chamada ao vivo do jornal, sua casa ardia em chamas. Nas imagens do cinegrafista amador, Dona Veridiana segurava, assustado, o gato. Inútil! A água borbulhava...

Vavá

Vavá era daquele meninos mimados, tratados a pão de ló. No bairro, a molecada tinha um nome para isso: fifi. Vavá era o fifi da turma. À tarde, no meio da brincadeira de rua, a mãe do Vavá, digo fifi, chamava-o para tomar achocolatado. Vem, Vavá. A molecada não perdoava. Vai fifi, vai tomar seu leitinho. Era risada atrás de risada. Vavá ia. Morrendo de vergonha, mas ia. É que o apreço pelo achocolatado era maior que o apreço pela sua dignidade. Vavá cresceu assim, contido. Seis horas da tarde, em ponto, o pai de Vavá aparecia no portão. Pra dentro, Vavá. Vai lá, fifi. A molecada não perdoava. Vai fazer naninha. Era risada atrás de risada. Raras eram as noites em que Vavá não socava o travesseiro com ódio. Raras eram as noites em que Vavá não chorava até dormir. E, raras eram as manhã em que Vavá não acordasse simplesmente Vavá. Eu acho que era sexta-feira, embora alguns digam que foi num domingo. O fato é que naquela manhã Vavá não era mais Vavá. O pai foi conferir a cartela de remédios. A mãe acendeu uma vela para um santo qualquer. Na parede, o achocolatado ainda escorria rumo ao piso repleto de cacos. Zinho, sentado na calçada da mercearia do Seu João, limpava o sangue que lhe escorria pelo nariz. Doña Amparo, espanhola que vivia no bairro desde antes do dilúvio, viu quando Vavá desferiu o golpe gratuitamente. Marcola cruzou com fifi perto da igreja velha. Antes que pudesse fazer a habitual piada com fifi, levou uma pedrada no olho esquerdo. Julinha, que ia com a vó para a missa do padre Claudio - então era domingo! -, viu tudo da outra calçada. Daqui para frente, é tudo especulação. Vavá nunca mais voltou. Na rua, a molecada especulava. Fifi não dura dois dias sem seu achocolatado. Era risada atrás de risada. Em casa, o pai culpava a mãe. A mãe culpava o pai. Os vizinhos culpavam ambos. Dez anos se passaram. Vez ou outra alguém ainda questionava, por onde anda Vavá? No bairro, mil estórias tentavam dar conta do heróico desaparecimento do Vavá, cujo corpo, encontrado três dias após o sumiço, nas adjacências da cracolandia, fora enterrado como indigente.

Matou-a

Não houve jeito, tive que matá-la. Demorou, mas ao fim de um par de horas, deixei-a morta na mesa do bar do seo Marcílio, duas quadras à frente do meu trabalho. Quem me conhece sabe que sou desses, que quando boto uma coisa na cabeça, é tiro e queda. Mas não foi com um tiro que matei a desgraçada. Tudo começou após o banho. Ainda envolto na toalha, busquei algo na geladeira para o dejejum. Nada, ela disse. Não tem nada nessa porcaria de casa. Respirei fundo e fui vestir minhas roupas de trabalho. Colada em mim, ela vociferava: inútil, imprestável, onde está a comida dessa casa? Calei-me, era impossível dialogar com ela. Peguei as chaves, a carteira e fui para o ponto de ônibus. Ela veio junto, feito minha sombra. Não conseguimos pegar a primeira condução, passou lotada. O segundo carro nos levou e, não bastasse o mal humor de todos que espremiam seus corpos feitos sardinhas em lata, ela matraqueava. Ela dizia: aqui ainda há uma lata de sardinhas, mesmo que metafórica, lá em casa nem isso. E o calor? O calor fazia-nos todos exalar odores marcantes. Havia o senhor cheirando TreBrut de Marchan, cheiro que me remetia ao meu avó, lembrança que me remetia às deliciosas rabanadas que o velho vô Silva fazia nas manhãs de domingo. E havia a senhora cheirando leite de rosas, que me lembrava tia Filomena, cuja lembrança me fazia pensar nos canelones recheados e embebidos em molho que nos fazia passar mal de tanto comer nas festas de fim de ano. Ambos, raras exceções. No mais, cheirávamos todos um misto de suor e sabonete. Suor que ardia no nariz como o vinagrete da barraca de pastel da Dona Mitiko. Tá feliz, filho da puta? Ela me tirou do meu transe olfativo, atormentando-me com suas lamúrias até que, por fim, descemos na Rua do Comércio. Seo Marcílio, sempre solícito, nos serviu café e duas macias e açucaradas rosquinhas de São João, ainda mornas. Deixei-a ali, morta entre os guardanapos amassados e a xícara vazia. Paguei a conta e fui para o escritório, livre daquela fome lazarenta.

Lua de Mel(da)

Arlindo Orlando, como todo corno, foi o último a saber. As duas horas de atraso de Marinalva não significavam outra coisa senão o óbvio, ela fugiu, desapareceu, escafedeu-se. Tia Vanilda sabia, ela sempre soube, a mequetrefe tinha lá seu caso com o patrão. Não deu outra, largou Arlindo Orlando no altar. Bye bye, baby. Dois dias depois, lá estava Arlindo Orlando diante de um copo de Piña Colada. Ao fundo, as piscinas paradisíacas do Gran Caribe Resort. Punta Cana, ela disse um ano antes, quando marcaram a data do casório. Punta Cana ou nada. Das 24 prestações, apenas 6 estavam pagas. Cá no Brasil, a família se dividia entre os que achavam Arlindo Orlando um covarde por não ter ido atrás de Marinalva e os que achavam que Arlindo Orlando tinha mais é que meter o loco e ir sozinho para a Lua de Mel. Deve tá cheio de gringa gostosa em Puta Cana, disse o tio. Punta. Punta Cana, replicou a prima. Os funcionários do hotel não estranharam o solitário Arlindo Orlando ocupando sozinho a suntuosa Suíte Caribbean Love. Infortúnios como de Arlindo Orlando eram mais comuns que poderíamos supor. Um mês antes, era uma inglesa, Mary Something, que derramava lágrimas em sua Piña Colada. Mary chegou ao Gran Caribe com Stuart, mas as curvas e os encantos caribenhos de Lupita, a camareira, fizeram Stuart chutar o pau da barraca. Mary encontrou o bilhete na cama ao voltar do mini-spa. Sorry. Voltemos a Arlindo Orlando, cujo nome foi inspirado numa música da Blitz. Aliás, era sobre isso que ele falava com Juliet, a barwoman que lhe preparava a terceira Piña Colada da noite. Ela desconhecia a banda, desconhecia a música, mas achara Arlindo Orlando uma combinação inusitada. Juliet tinha seus 20 anos. Filha de família rica, depois de cursar um ano de Direito, o sonho do pai, deu uma de doida e caiu na estrada. Passou o primeiro ano embarcada no Sprectrum of Seas, onde fez de tudo um pouco, tanto no profissional quanto na cachorrada. Juliet trabalhou na cozinha, na arrumação das cabines, no entretenimento infantil e na lavanderia. Deu para metade da tripulação. Dizia ela, nesses navios a sacanagem come solta. Trepou com metade dos passageiros (e passageiras). E foi numa dessas, de dar uma rapidinha no armário das vassouras, que Juliet conheceu Ramon, que a chamou para

fazer, entre outras coisas, Piñas Coladas no Gran Caribe, para desespero do pai. Mas nada disso foi contado ao Arlindo Orlando, que fique apenas entre nós. Escuta só, disse o Arlindo Orlando esticando o braço com o celular. "Estou a dois passos... do paraíso... A Rádio Atividade leva até vocês...". A voz do Evandro Mesquita não foi suficiente para trazer alguma lembrança à Juliet. A menina só ouvia música eletrônica e bandas indies do cazaquistão. Três e quarenta e cinco da manhã, entre lençóis e travesseiros, a descabelada Juliet perguntou: Mais uma Piña, Arlindo? Ou devo te chamar de Orlando? Nuwanda, the name is Nuwanda, bitch! No avião, fuçando a lista de músicas do display da poltrona, uma saltou aos olhos de Arlindo Orlando. Juliet era uma antiga canção do Robin Gibb. Que inusitado, ele pensou. Escolheu a música, ajeitou os fones de ouvido e deixou sua mente voar com o vocal agudo e melódico do ex-BeeGees...

Juliet,
Oh Juliet!
You know you taught me to fly,
You take me clear to the sky...

Colônia de Férias

Peruíbe. Passávamos o Natal e o Ano Novo na colônia de férias. Mamãe passava o ano inteiro na cola da moça do sindicato para conseguir dez dias de paz e sossego à beira mar. Pensão completa. Café-da-manhã, almoço e janta. E no natal, ceia. No ano novo também. E uma lata de um quilo de goiabada, mas essa era meu pai quem levava. A colônia de férias era um território de ninguém para a molecada. Gente de todos os lugares. Gente de São Paulo, gente de Ribeirão Preto, gente de Pindamonhangaba, gente de Bauru e gente de Sorocaba. Eu, o leite-quente. Poucas horas depois de desfazer as malas, após longas horas de estrada espremidos num Fusca, nos primeiros diálogos com outras gentes, lá na sala de jogos, o apelido leitequente vinha com vigor. Fala leite quente. LeitE quentE. O ê acentuado, com circunflexo, característico da herança tropeira, era diversão e chacota nos ouvidos paulistas acostumados com o leiti quenti. Chacota que era revidada com traquinagens que deixariam o Pedro Malasarte no chinelo. Pela manhã, café-da-manhã até o pandú fazer bico. Durante o dia, praia. Pausa para o almoço, um breve cochilo e, praia de novo. À tardinha, como dizemos em Sorocaba, banho e janta. À noite, sala de jogos. Pinguepongue. Bilhar. Rouba-montes. Traquinagens. Na surdina, enterramos a botina de um moleque da capital no playground. Um pé só, o direito. Deu de chover a noite toda. Na manhã seguinte, descobertos, desenterramos a botina. Encharcada. Nem sempre as artes dos Malasartes ficavam no anonimato. Eramos crianças e a internet ainda não havia sido inventada. Na antevéspera do natal, enquanto eu tomava uma minha fumegante xícara de café com leite e deliciosas fatias de filão com manteiga e mel, Pompeu desembarcava do Del Rey zero quilometro. Do porta malas espaçoso, dezenas de malas e pacotes de presentes. Um deles, por razões óbvias sem papel de embrulho, uma bicicleta importada. Com amortecedores. Veja bem, hoje em dia isso é carne de vaca, mas nos idos de 1985, bicicleta com amortecedor era pura ostentação. Pompeu trajava meias de seda, mocassim, bermudas de sarja, camiseta polo e um pulôver sobre os ombros. Praticamente um cosplay anacrônico do João Dória. Tudo naquela visão destoava das minhas havaianas gastas, sunga do Incrível Hulk e camiseta regata. Pompeu sumiu pelas escadas, seguido pelos pais e pela irmã. Desnecessário dizer que os pais de Pompeu pareciam saídos de um filme hollywoodiano dos anos 40. A irmã era exatamente igual ao Pompeu, inclusive no buço salpicado de pelos, mas de vestido. Não os tivesse visto juntos, diria que Pompeu e a irmã eram a mesma criança inovando no crossdressing. O dia seguiu na normalidade. Praia, almoço, soneca, praia, banho e janta. Pompeu, de calção de banho e bóia inflável colorida, apareceu após o almoço, no turno praiano da tarde. A gente levava uma câmara de pneu caminhão Fenemê como boia. Pompeu, para refrescar-se, bebia refrigerantes em lata. A gente levava um garrafão térmico de cinco litros com Q-Suco de uva. Meu dias em Peruíbe eram um episódio do Chaves em Acapulco, antes mesmo de Chaves fazer sucesso. A mãe de Pompeu, dona Pompéia no imaginário da molecada, usava um maiô metálico, óculos de sol maiores que os para-brisas do Fenemê de onde tinha vindo a nossa bóia e um chapéu de dondoca. Fumava cigarros chiques com aquelas piteiras que a gente via em algum episódio do Pica-Pau, quando se vestia de mulher. O pai, Pompeuzão, era o próprio Clark Gable de ceroulas de corte italiano e lenço de seda amarrado no pescoço. Na véspera de natal, durante o café-damanhã, Pompeu estreou o seu presente, a bicicleta importada com amortecedores. Subiu nela, deu duas pedaladas e passou por todos com seus ar aristocrata, pedalou com mais intensidade em direção a uma elevação do gramado e... bum! A roda dianteira foi para um lado e Pompeu, impulsionado pelos amortecedores, voou para o outro. Caiu de boca nos ladrilhos de concreto. Estatelou-se. A mãe teve uma síncope. O pai gesticulava freneticamente, ora olhando para a bicicleta retorcida, ora olhando para Pompeu semi-banguela. A irmã ria. Ria copiosamente. As pessoas ao redor da cena, segurando seus apetrechos praianos, desviavam do pequeno e todo esfolado Pompeu. Alguém pisou em algo e exclamou. Era um pedaço de dente. Dente do Pompeu. Naquele mesmo dia, à tardinha, o Del Rey zero quilometro deixou o estacionamento da colônia. Perderam a ceia. A noite, na sala de jogos, empanturrados de chester panetone, alguém perguntou, e o Pompeu? Silêncio. Todos sabiam que Pompeu fora vítima de uma sabotagem. Alguém havia afrouxado as porcas que prendiam a roda dianteira da bicicleta importada com amortecedores. Alguém. Quem? Do canto da sala, calçando uma botina estrupiada no pé direito, alguém disse: leite-quente.

Coincidência...

Cada um vive, incógnito, sua batalha. Com Jacinto não era diferente. Aos olhos dos transeuntes, ele não passava de mais um cidadão imerso na correnteza de gentes que flui pelas ruas e avenidas da cidade. No cruzamento, deu de ombros com Rejane. Olhe por onde anda, otário. Rejane, que carregava Tavinho, seu neto, mal sabe que Jacinto está a caminho do IML, onde o corpo inerte da sua cacula aguarda liberação. Nanda, mãe de Tavinho, filha de Rejane, saiu cedo para mais uma entrevista de emprego. Ela e mais 567 pessoas disputam uma vaga no hipermercado que inaugura mês que vem. Enquanto Rejane corre para deixar Tavinho na creche e seguir para seu turno na loja de material elétrico, Rubem, o gerente do RH do hipermercado, toma seu café da manhã com Roberta, sua esposa, e Flávia, sua filha. Roberta lembra-o da resistência do chuveiro de Flávia, queimada desde a última sexta-feira. Qual o modelo do chuveiro, Flávia? Flávia? Essa menina vive no mundo da lua, resmunga Rubem. Mal sabe o pai de Flávia que seu "mundo da lua" é, na verdade, um oceano de pensamentos suicidas. Me dá uma carona até o centro? Rubem nega o pedido de Roberta. Hoje tem processo seletivo, mais de 500 pessoas, preciso chegar cedo. A caminho do centro, Roberta ignora o motorista de aplicativo que reclama de quem reclama do governo. Deus é pai, diz ele, que na noite anterior, estuprou e matou Giulia, estudante universitária, que jamais saberá se foi bem na prova de Constitucional. No Balcão, Roberta é atendida por Rejane, que lhe vende a resistência para o chuveiro de Flávia. No caixa, Guiomar indica um marido de aluguel, desses que fazem de tudo, inclusive trocar resistências de chuveiros. O nome dele é Jacinto, gente boa. Roberta agradece e segue seu caminho. Na sala de recrutamento, Rubem questiona Nanda sobre o filho. Que tem ele? Com quem fica essa criança? E se ele ficar doente? O cargo aqui exige compromisso. Fica na creche e minha mãe me ajuda. O senhor tem filhos? Eu? Sim. Tenho uma filha. Tinha, pois Flávia dá seu último suspiro enquanto a água fria do chuveiro queimado escorre pelos pulsos dilacerados. No IML, Jacinto segura os livros de Direito da filha e seu atestado de óbito. Na TV, o delegado Dutra alerta a população sobre o maníaco que se passa por motorista de aplicativo.

Rubem faz uma pausa para um café. No estoque, Guiomar trepa loucamente com Juninho, o Office Boy. Nanda digita uma mensagem de texto para Rejane. Passei para a próxima fase. A caminho de casa, Roberta reconhece o motorista de aplicativo. Você de novo? Pois é, Dona. Coincidência...

Traições

Como toda história que trata dos cantos mais recônditos desta coisinha chamada ser humano, esta é uma história de traições. Rebeca sabia que o marido, vez ou outra, se metia a besta com as sirigaitas que rodopiavam o Tênis Clube Raqueteiros. Coisa de homem, dizia sua malfadada mãe. Seu pai arrumou uma em cada cidade. É que os caixeiros viajantes, assim como os marinheiros, vivem as quenturas que emanam dos países baixos onde bem lhes couber, mas a chama eterna da jura feita na igreja, sacramentada diante do Altíssimo, pois bem, esta pertencerá sempre a mulher amada. Você é a rainha do lar, Rebeca. As outras são penas passatempos, dizia a mãe, muito mais para convencer a si mesma que sua filha. O fantasma que atormentava Rebeca nas tardes de domingo não eram os passatempos, mas um certa Constança. A pretexto de se inteirar sobre as novidades no mundo dos potes plásticos, o marido agora frequentava religiosamente reuniões dominicais. Num desses domingos, Rebeca seguiu o marido. Sentou-se no último banco, ajeitou os óculos escuros e lançou seu olhar de Mata Hari para a dupla que, à nove bancos de distância, sequer prestava atenção à retórica do vendedor de potes e vasilhas. Constança e seu marido, mais que exercitando a cobiça, estavam enamorados. As mãos dadas e o sorvete dividido entre os dois na praça fez o sangue de Rebeca ferver. Na segunda pela manhã, calma e com toda a classe que toda rainha ostenta, Rebeca comunicou ao seu marido que já sabia de tudo. Ele agora era problema dela, da vagabunda, da teúda e manteúda. Constança, a constante, que se virasse com aquele traste. Naquela mesma segunda-feira, Rebeca juntou suas roupas, pegou o carro e se meteu no asfalto, ao encontro de Nosor, o amor adolescente dos tempos da catequese e com o qual mantinha tórridos encontros ocasionais ao longo dos últimos vinte e cinco Nabucodonosor, macaco velho, também tinha sua "Rebeca". A esposa, a dona do seu sim diante do Altíssimo, a rainha do lar, aquela com quem Nosor teve seus quatro filhos, todos batizados diante do mesmo Altíssimo, também sabia que o marido, bicho homem que é, tinha suas escapadelas de marinheiro – ou caixeiro viajante, que dá na mesma. O que a esposa não sabia, posto que não foi investigar, é que os encontros bimestrais dos

Seresteiros da Colina, grupo do qual Nabucão, como era conhecido entre os seus, participava, eram na realidade com constância, digo, Rebeca. No quilômetro trezentos e oitenta e um, na suíte vinte e sete do Motel Meia Nove, Rebeca e Nosor juraram, imersos numa Jacuzzi de asseio duvidoso, quebrar suas juras de amor para com seus cônjuges (e para com o Altíssimo, obviamente) e foram viver, agora, seu verdadeiro amor em uma choupana na remota Lagoinha, escolha de Beca, como Nosor, Nabucão, a chamava. Dizem que o ex-marido pediu baixa do Tênis Clube Raqueteiros e hoje em dia dedica-se a organizar reuniões dominicais para falar dos milagres do Ômega Três. A ex-mulher, dessa nada se soube. Constança casou-se com um húngaro bem de vida e desfruta dos prazeres do Velho Mundo. Nosor acha que Beca anda de flertes com um antigo amor dos tempos da faculdade, que calhou de ser oriundo da remota Lagoinha e gerencia a única farmácia da pequena Lagoinha. Rebeca tem certeza que Nosor, à escusa de visitar bimestralmente o padrinho doente, está de caso com a siliconada recepcionista do asilo. Do alto, observando todo esse imbróglio, o Altíssimo se pergunta: onde foi que eu errei?

Muco Nasal

Começou com o café. Diariamente, conferia a quantidade de café consumida. Passou a monitorar a mesa do café. Elaborou planilhas sobre o desperdício de açúcar, sobre o custo dos copos plásticos e, no detalhe, incluiu os custos com a dedetização das formigas que se alimentavam das migalhas de bolacha água e sal. Levou tudo ao Conselho e não arredou pé enquanto não obteve a votação desejada: acabou o café. Do café ao xixi, passou a monitorar os banheiros. Do sabão para a higienização das mãos ao papel higiênico, tudo planilhado. Os gráficos mostravam a balburdia. Baixou a gramatura do papel para desestimular o uso dos sanitários. Instalou reguladores de vazão para que a água apenas pingasse. À contragosto, pois o Jurídico alertou que haveria problemas, não pode instalar câmeras para monitorar quem usava o sanitário para uma soneca de 15 minutos. Duro na queda, o fez pelas câmeras do corredor, passou horas analisando os video-tapes e planilhando os tempos de entrada e saída. Buscou junto a OMS o tempo médio necessário para um xixi ou para um cocô. Casos adversos foram enviados ao RH. Não tardou e os relógiosponto foram substituídos por novas traquitanas, scanner de muco nasal, a última palavra em tecnologia, nem mesmo a NASA, com o perdão do trocadilho, usava algo tão sofisticado. Nada de digitais ou retinas! Dedo no nariz, dedo no sensor. Um beep, liberado. Dois beeps, recusado. No dia do cadastramento de todos os colaboradores no sistema, alguém perguntou: vai ter álcool gel para limpar o dedo depois de cada registro? A planilha já previa o gasto e já o havia cortado. Cada um traz seu lenço, simples assim. Apesar de todos acharem aquilo ridículo, ninguém questionou. Todos os dias, dedo no nariz, dedo no sensor. Com o passar do tempo, descobriu-se que o aparelho tinha dificuldades de analisar o muco nasal quando o colaborador estava constipado. Parece que o uso de spray nasal anulava o processo. A solução, não gripem. A cada mês, uma novidade mirabolante. Pelos corredores, cada vez mais câmeras, catracas, sensores (e censores). Joseval foi quem percebeu primeiro. Faxineiro habituado à invisibilidade, notou que, em meio à tanta inovação, algo havia desaparecido dos corredores: sorrisos. Em verdade, apenas os sorrisos autênticos, aqueles que

costumavam estampar os rostos das pessoas no cotidiano da empresa, na mesa do café. Sorrisos, agora, apenas os falsos...

Aqualung

Sou daquelas pessoas que ainda ouvem rádio. Pelas manhãs, enquanto preparo meu café, ouco o noticiário num aparelhinho sem vergonha, daqueles comprados em camelôs, bem chineses, bem baratinhos. Às vezes ouço o noticiário no rádio do carro, mas o habitual dentro do carro é eu ouvir música. Basicamente alterno entre duas estações, aquela do noticiário e uma outra que tem sua programação dedicada exclusivamente ao Rock and Roll e seus sub-gêneros. O Rock and Roll sempre foi a minha praia, ainda que eu goste muito de outros gêneros. Às vezes me deleito um Puccini, um Beethoveen, um Mozart, para ficar nos mais popstars. Às vezes me deixo embalar por alguma moda de viola, daquelas bem sofridas, que cantam as amarguras do caipira, mas me deixo levar também por aquelas que cantam as alegrias. Só não sou muito chegado aos sertanejos que, universitários, se enveredam pelas cenas urbanas, pois se é para ser urbano, prefiro a periferia do Punk, o Sex and Drugs das pedras rolantes. O mundo do Rock é vasto. Meu espectro de preferências gravita mais no prazer que as melodias me proporcionam que nos vanguardismos ou ativismos. É que sempre tem aquele povo para o qual música deve ter mensagem, deve chacoalhar bandeira, deve causar rupturas artístico-conceituaisperformáticas, seja lá isso o que for! Pois para mim, música é e pode ser apenas música. No rádio toca um roquinho do Nickleback, banda que faz, ao meu ouvir, um sonzinho honesto, sem grandes pretenções, sem grandes bandeiras, é gostoso de ouvir. Tem gente que não gosta, xinga, fala mal e ainda dá espinafrada em quem ouve. É aquela velha história: gosto é gosto, cada um tem o seu. Nos tempos dos bailinhos de garagem, a molecada nem ligava se a música tinha uma poética complexa e declamava nuances nerudianas do amor. Bastava ter um ritmo lento, ser gostosinha de ouvir, pois nos bailinhos o objetivo mesmo era ficar de rosto colado com a crush, sentir-se o maioral ao dançar com a menina mais bonita da turma. Vanguardismos e salvem as baleias não tinham vez, apenas as baladinhas mela-cueca do Brian Adams. E por falar nisso, certa vez, lá pelos fins dos anos 1990, num tradicional motel da cidade, numa suíte que vinha equipada com um aparelho de som, um Micro System Aiwa, encontrei nele,

esquecida, uma fita cassete do Jethro Tull – sim, uma fita cassete. Quem, pensei eu à época, transa ouvindo Jethro Tull? Vai saber quais fantasias sexuais passaram pela cabeça de um casal ao som de Aqualung! Bem, desnecessário dizer que a ocasião faz o ladrão, assim, naquela noite... Aaaquaaaluuuuuuung. Oi? A fita? Perdeu-se em alguma gaveta qualquer!

Natureba's

A moça fumava um cigarro encostada numa pilastra. Ao ver que o farol fechou, jogou a bituca no chão, soltou uma baforada para cima e foi ao encontro dos transeuntes. Ao me ver, me ofereceu um panfleto de produtos naturais e, antes que eu pudesse negar a oferta, começou a enumerar os benefícios de uma alimentação natural, livre de corantes, conservantes, estabilizantes e outras químicas mortais... Faz bem para saúde, perguntei a ela. Sim, ela respondeu fazendo questão de complementar que há 2 anos, na dieta dela, só alimentos saudáveis. E o cigarro, perguntei. Cigarro, ela exclamou. Sim, o cigarro que você fumava encostada na pilastra antes do farol fechar? De que adianta comer comida sem corante e mandar 4000 toxinas cancerosas para dentro dos pulmões, questionei. Ela ficou sem fala, seus olhos eram puro ódio. Tomou o panfleto das minhas mãos e correu para dentro do Empório Natureba's. No chão, ao lado da pilastra, a bituca vertia um tênue fio de fumaça...

Manequim

Primeiro foi a orelha esquerda. Achou-a caída na cama, ao lado do travesseiro. Correu para o banheiro. Olhou-se no espelho. Não havia sangue. Nem cicatriz. Nem mesmo o buraco do ouvido. É como se ali, nunca houvesse existido uma orelha. Virou o rosto para ver a orelha direita. Teve intenção de tocá-la, a fim de conferir se estava tudo bem. Viu-a despencar. Caralho! A interjeição ecoou pelo banheiro, mas ele não pode sequer ouvir o som da própria voz. Apoiou-se na pia e a plenos pulmões, gritou: CA-RA-LHO! Nada. Sem orelhas. Sem ouvidos. Arregalou os olhos e viu as sobrancelhas cairem feito duas penas que bailam ao sabor do vento. Levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos com vigor. Caíram-lhe ambos. Tocou com os dedos, mas nada de órbitas ou buracos. Agora, além do silêncio, a escuridão. Respire, pensou. Tentou inspirar, mas o nariz já lhe faltava. tentou expirar, mas a boca já não existia mais. Tateou a cabeça toda. Podia sentir o toque, o tato ainda funcionava, mas apenas sentia uma superfície oval. É conveniente dizer que há anos já não tinha cabelos, por isso não deu falta desse detalhe. Deixou que as mãos percorressem o pescoço, os ombros, o peito. Não, os mamilos não estavam lá. Desceu com as mãos pela barriga. Não encontrou o umbigo. Lentamente, desceu um pouco mais e constatou o que já parecia óbvio. Nem pinto, nem saco e sim, ele quis saber – nem cu. Tateou pelo banheiro. Tateou pelo corredor. Abriu a porta e saiu tateando até o elevador. Alguém haveria de ajudá-lo. Tateou até o elevador, mas já não sentia mais as pernas. Não sentia mais os braços. Silêncio. Escuridão. Imóvel. Morri? Alguém? Josivaldo, o faxineiro, foi quem o encontrou. Estava caído em frente ao elevador do 14º andar. Não entendeu é nada. Desceu com ele até o térreo. Ligou para todos os apartamentos do 14º andar. Apenas um não respondeu. Ninguém sabia do que se tratava. Ligou para o síndico. Jogar na rua? Mas... ok, o senhor quem manda. Jogou-o dentro da caçamba de lixo. Antes de fechar a tampa, pensou, quem diabos deixaria um manequim no corredor? Coisa de doido... Alguém? Alguém?

R\$ 10,00

Fui ao supermercado, coisas básicas, produtos de limpeza. Desinfetante, sabão líquido. Ok, um ou outro chocolate, afinal a vida pode ser doce, às vezes. Ritual completo, passei no caixa. Débito ou crédito? Crédito. Empurrei o carrinho até o carrão, tudo bem ajeitado na caixa plástica que levo no porta-malas. Devolvi o carrinho ao seu devido lugar. Odeio gente que deixa carrinho de supermercado no meio do caminho, entre uma vaga ou outra. Devolva o carrinho, não custa, suas pernas não vão cair. Ao voltar para o meu carro, encontrei no chão uma nota de dez reais. Olhei ao redor, aparentemente ninguém procurava por dinheiro. Perto dela, uma nota fiscal amassada. O vento já dava sinais de que ambas as notas iriam serpentear pelo asfalto do estacionamento. Recolhi a nota de dez reais e ainda figuei uns minutos ao lado do carro, observando se o dono ou a dona dela estavam a sua procura. Supus que seria troco de compras e que no descuido de algum outro motorista a guarda-las, perdeu-se. Azar de uns, deixei a nota no console do meu carro e pus-me em marcha para meu lar, doce lar. Após alguns quilômetros rodados, num pontilhão, um rapaz pedia dinheiro no semáforo. O rapaz se apresentava com roupas surradas, sujas. A pele trazia o acumulo de fuligem, sol e uma herança. Apesar do calor escaldante que brota do asfalto quente, ele sorria. Entre nós havia três carros. O primeiro sequer lhe deu atenção. O segundo deu de ombros, como muitas vezes eu mesmo faço, quando digo que não tenho nada. O terceiro ele pulou, confesso que ignoro o motivo. Quando chegou ao lado do meu carro, disse "o dotô vai me ajuda, não?". Doutor, mal sabe ele que eu um dia cheguei a percorrer o caminho do doutorado. Cheguei longe, mas faltando doze meses para defender minha tese, abandonei-a. Abandonei-o. O doutorado revelouse algo que não era para mim, dono de uma mente rocinante, de ímpetos de cavaleiro da triste figura, que carrega moinhos de vento nas costas. Não, doutor não. Me contento com o mestrado. Mestre me soa mais fantasioso, algo assim como Merlin, ou Merlí. Mestre de obras, já que o nosso ofício é construir a sociedade com os tijolos que se desenformam dos bancos escolares. De volta ao rapaz, não pensei duas vezes. Peguei a nota de dez reais e lhe estendi pela janela. De olhos arregalados, desacostumado à generosidades – ou acostumado às moedinhas – o rapaz me disse "é muito, dotô!". Hoje é seu dia de sorte, eu disse. Achei essa nota no chão e me parece que ela é sua. Ele pegou a nota e desejou que deus me desse em dobro (penso em fazer compras amanhã para ver se encontro vinte reais no chão). O sinal abriu, ele afastou-se para o gramado da rotatória que circunda o pontilhão com a nota esticada nas mãos. Eu segui o fluxo. Notei que a pessoa do terceiro carro me fitava pelo retrovisor. Azar de uns, a vida pode ser doce, às vezes...

Chega Chegando

Deu-lhe um tabefe no meio das fuças que o fez girar, como nos desenhos animados, duas vezes sobre os calcanhares. A técnica infalível que o amigo Gouveia o havia ensinado mostrou-se duplamente desastrosa: expulsou-o do Lajota's e trincou-lhe o molar esquerdo. Mas, não foi essa a história contada na cadeira da dentista. Ali, enfeitiçado pelos olhos de esmeralda da jovem Marissol, atribuiu a causa do seu infortúnio odontológico a uma bela raquetada. Sabemos de longa data que Adolfo jamais pôs os pés numa quadra de tênis e que o mesmo sequer saberia diferenciar uma bola de pingue-pongue de uma bola de gude. Aquela era mais uma oportunidade para o exercício da sedução, arte na qual Adolfo, cinquenta e dois anos, divorciado há três, era aprendiz. Quando jovem, Adolfo viveu isolado da humanidade em numa estação de estudos climáticos na Antártida. Mentira! Mas era assim que Adolfo justificava a ausência de suas narrativas apimentadas sobre aventuras romântico-selvagens de um adolescente na efervescência dos hormônios. Logo na juventude, aos 20 anos, Adolfo casou-se com Juliana, a mulher que sorveu-lhe à canudinho trinta e dois anos da vida e, sem delongas, o abandonou dois dias antes do cruzeiro de bodas de sei lá o quê. Deixando de lado detalhes de sua infância, pois das criancinhas é o reino dos céus, Adolfo foi, talvez, o cara mais sem sal da face da Terra. E assim estávamos, quando Gouveia apareceu na sua vida. Era uma tarde de outono e Adolfo fazia o seu jogging de todas as tardes na pista do Campolim. Outono? Me parece que era verão... Pois bem, pouco importa, afinal Adolfo inventou essa de jogging apenas para ver as coxas torneadas em calças legging e os seios apertados em tops de lycra. Corria exatos vinte metros e parava para longos alongamentos de rabo de olho que radiografavam os corpos fitness de meninas que bem poderiam ser suas filhas. Havia também as coroas. Tiazonas da mesma idade que Adolfo, com corpos recauchutados nas oficinas de crossfit que deixavam algumas novinhas no chinelo. Mas Adolfo sabia que, nessa idade e com aquelas curvas, suas contemporâneas eram doutoradas na arte de destruir corações incautos de adolescentes cinquentões como ele, coisa para a qual as jovenzinhas fitness, para o bem da espécie humana, ainda eram meras

estagiárias. Chega chegando, disse o Gouveia. Adolfo não soube se era com ele. É, maluco, você! Chega chegando. Essa coisa de galanteios é do tempo do zagaia e já não funcionava nem com o zagaia - que, diga-se de passagem, nem era uma pessoa. Apesar do olhar lascivo e pinta de tarado, Adolfo era fã do Roberto, logo amante à moda antiga. Chegava nas moçoilas com galanteios e flores arrancadas dos canteiros do parque. Inspirava-se no J. G. de Araújo Jorge para recitar rimas românticas com a finesse de um Clark Gable. Tudo errado! Chega chegando, disse de novo o Gouveia, coisa que Adolfo interpretou como "mostra a chave da BMW e chama pra tomar uma água de côco na jacuzzi do apê em Maresias". A morena de corpo escultural olhou para a chave do BMW ano 1998 com desdém, deu dez passos e, virando-se para Adolfo, piscou-lhe um olho enquanto um Jaguar F-só-deus-sabe-qual piscava as setas em resposta ao controle remoto. Porra, Adolfo! Essas minas tem carros desde os quatorze anos. Tu tem que chegar chegando! Saca só. Gouveia acercou-se de uma ruiva que Adolfo jurava que havia escorregado do Olimpo para aTerra por descuido dos deuses. De inicio ela revirou os olhos, mas Gouveia aproximou-se e sussurrou-lhe uma meia dúzia de palavras ao pé do ouvido. O sorriso que se seguiu foi uma das coisas mais espantosas para Adolfo. Ambos caminharam para o Fiat Uno 1.5 Turbo ano 1987 do Gouveia e sumiram pelas curvas da Raposo Tavares. Na tarde seguinte, Adolfo esquadrinhou toda a pista de caminhada do parque Campolim em busca do Gouveia. Nada. Encontrou-o três dias depois, inadvertidamente, no Lajota's. Qual é, Gouveia? Como é que se faz? Chega chegando, Adolfo! Depois de algumas doses de Chivas, Gouveia deixou escapar um ou dois segredos. Adolfo, embebido de animo e uísque, partiu para a Louraça Belzebu feito um Exocet, e o resultado, já sabemos. Embriagado, desta vez, com o absinto daqueles olhos verdes, Adolfo respirou fundo. Enquanto Marissol dizia-lhe sobre os detalhes do tratamento de canal que seria necessário para restaurar o molar de Adolfo, este mentalizou as palavras do grande Gouveia: chega chegando. Ao longe, trombetas celestiais puderam se ouvir. Quando Marissol se debruçou para amarrar o babador no pescoço de Adolfo, este sussurrou-lhe uma meia dúzia de palavras ao pé do ouvido. Quatro e quinze da manhã, Deoclécio, porteiro do Edifício Sol e Mar, em Maresias, recebe a décima ligação de moradores incomodados com os ruídos selvagens vindos do apartamento do Adolfo. Pensou em discar o

608, mas conhecia Adolfo desde o seu primeiro verão como porteiro do edifício. Deoclécio tirou o interfone do gancho e se ajeitou para um doce cochilo.

Genésio

Sentou-se à soleira da porta. Observou as gotas de luz que respingavam a sua frente. Milhares de pequenos pontos luminosos espalhados pela geografia do morro. Bateu o pó das sandálias com as mãos. Notou que uma das fivelas já dava sinais de desgaste, logo arrebentaria. Notou pequenos cortes no calcanhar. Notou os calos nos dedos da mão. Estendeu-a, deixando-a entre seu rosto e as luzes da favela. Observou nas costas da mão as veias saltadas. Podia sentir o sangue que lhe corria cansado. Virou-a e observou sua palma. As linhas desenhadas pela biologia disputavam espaço com as cicatrizes de farpas de madeira. Na lida diária, Genésio era operário na obra de grande edificio, um desses arranha-céus que Genésio só subirá enquanto houver andaimes e pontaletes a sustentar a estrutura que mais dia, menos dia, ganhará também um sem fim de luzes salpicadas pelos trinta e dois andares. Andares pelos quais Genésio não andará mais. Quando estiver pronto, dizia o encarregado da obra, um engenheiro gordo de pele oleosa e pastosos cabelos grisalhos, quando estiver pronto aqui só vai frequentar bacana. Genésio, que não tem onde cair morto, não acreditou quando alguém lhe disse quanto custava cada torneira chiquetosa, daquelas automáticas, que Jordão, um dos encanadores, instalaria nos quarenta e sete banheiros. Genésio não frequentou a escola, logo não sabia multiplicar. E, sejamos francos, nem precisava. O preço unitário de cada torneira em si já ultrapassava a soma que ele ganhava em cada mês de labuta na grande obra. Solteiro, Genésio vivia num canto do barraco do seu Nazaré, canto que lhe custava quase a metade do salário. Preto, pobre, analfabeto e, como dizia Dona Madalena, feio como um satanás, Genésio não via poesia nas luzes que salpicavam aquele cair de noite no morro. Enquanto olhava sua mão estendida a sua frente, pensava admirado, como pode uma torneira custar tanto! Fazia no ar movimentos de torção, como quem girasse uma torneira imaginária, sem saber que no caso daquelas pequenas fortunas, não era necessário girar, bastava deixar as mãos a sua frente e a água vinha como por mágica. Jordão tentou explicar-lhe, mas Genésio só conhecia torneira de girar, daquelas que gotejam a noite toda, daquelas que rangem e emperram dia sim, dia também. Torneiras automáticas de mais de mil reais eram

coisas que estavam muito além da compreensão de Genésio. Na manhã seguinte, antes mesmo do gole de café-com-leite e um filão com manteiga que a empreiteira oferecia aos operários, Genésio intimou Jordão: quando estiver instalada, você me mostra? Jordão baixou os olhos, resmungou que sim mesmo sabendo que naquela tarde o engenheiro gordo de pele oleosa e pastosos cabelos grisalhos iria demitir trinta e cinco operários, inclusive Genésio, cujas mãos grossas, ásperas, calejadas já não eram mais necessárias. Seu Nazaré pôs anúncio na venda do velho Pedro, vagou um canto. Dona Madalena achou uma sandália arrebentada perto do tanque. A torneira gotejava pequenas lágrimas...

Meninos Insanos

Naquela época, corríamos feito loucos pelos trilhos da ferrovia. Longe dos olhos e das tecnologias, no limite da molecagem, pegávamos rabeira no trem. Do pontilhão próximo à antiga Villares, seguíamos até os fundos do Shopping Sorocaba, uma viagem cheia de aventuras. Não sabíamos o que significava a palavra adrenalina, apenas a tínhamos correndo pelas veias. Insanos, dia desses vi uns meninos insanos pegando rabeira no trem. Ah, a velhice nos atinge em cheio. Ou seria a covardia? Trinta e tantos anos depois, eu, no conforto do ar condicionado do carro, ouvindo um velho rock, observava os meninos dependurados, cabelos ao vento, sem o menor pudor, sem o menor cuidado. Menores vivendo suas vidas intensas de adrenalina, ainda que eles sequer saibam lá o que isso signifique. Insanos, pensei. Como éramos insanos, como são insanos. Me lembro de que lá do alto dos trilhos, agarrado ao vagão, vagávamos olhado os carros que nos olhavam. Em algum momento, ainda que a minha memória falhe, vislumbro o olhar de um homem que prestava atenção em mim, um olhar do conforto do seu carro, ouvindo um rock bem recente, talvez sem ar condicionado. Aquele homem que me mirava nos tempos da meninice agora me mira do alto da sua rabugice. Insanos! Ainda que os tempos fossem outros, sem centenas de canais de TV, sem gigabytes de informações, sem redes sociais, éramos inconsequentemente insanos. Como diz meu irmão mais velho, somos sobreviventes. Apesar de tudo, sobrevivemos. Difícil não olhar para trás com um certo saudosismo, éramos insanos, éramos felizes. Depois do passeio clandestino, uma tubaína dividida em seis copos e lanches de mortadela num bar qualquer, ao lado de bêbados inveterados e um dono de boteco mal-humorado. Sobreviventes, não sei quem são aqueles meninos insanos que vi dependurados no trem. Serão felizes? Sobreviverão? Quem sabe, um deles, lá na frente, seja um terráqueo a escrever suas crônicas. Quem sabe um deles seja publicitário, sambista, bancário, caminhoneiro ou, quiçá, seja assassinado com tiros na frente de um bar. Difícil olhar para o passado apenas com olhos marejados pelos bons tempos. Bons, com certeza, porém insanos. Arrisco dizer que o homem que me olhava de dentro do seu carro naquelas tardes juvenis e o menino que hoje se dependura insanamente no trem que corta a minha visão são a mesma pessoa. O tempo perde o sentido nas memórias, são os sentimentos impressos com tinta de adrenalina nas veias que dão o tom dessas memórias insanas. Insanos...

Ponto Final

Esse ônibus passa na policlínica, perguntou-me a senhora de cabelos brancos e bengala. Antes que eu pudesse dizer que não sabia, uma outra senhora de cabelos brancos respondeu, passa. Aos poucos, vários senhores e senhoras idosos lotaram os bancos. Aqueles mais dispostos, seguiram em pé, assim como eu. Minha mochila foi para o meio das pernas, para não ocupar o espaço que a cada minuto de espera, tornava-se mais escasso. Por fim, ônibus lotado, deixamos o terminal. Eu arriscaria dizer que oitenta porcento das pessoas naquele coletivo estavam acima dos sessenta anos. Ao longo do caminho, mais uns sete ou oito idosos embarcaram. A pergunta inicial, se ele passava na policlínica, fez sentido. Sem fones de ouvido, eu pude ouvir os relatos, as reclamações, os diagnósticos e até mesmo qual medicação é melhor indicada para esta ou aquela dor. Entre assuntos medicamentosos, uma ou outra louvação. Deus e remédio talvez tenham sido as palavras mais ouvidas por mim. Talvez porque sejam sinônimas. Talvez por que uma delas seja o placebo. Devagar, entre trancos e freadas, o coletivo seguiu por ruas que me eram conhecidas. Pude notar fachadas novas, casas que deram lugar a pequenos edificios, novos comércios e alguns terrenos baldios, desses bons para mandar alguém carpir. Enquanto a audição deleitava-se com o universo vocabular das senhorinhas, umas doces como as vovós dos contos de fadas, outras rabugentas como só uma vida sofrida sabe modelar, os olhos capturavam imagens de uma cidade que sempre foi minha, na qual sempre fui um andarilho. Imerso nesse misto de sons e imagens, o coletivo chegou a tal policlínica, que outrora fora o hospital para o qual eu fui levado quando fui atropelado. Memórias, os aromas da infância, da adolescência, dos primeiros anos da juventude, todos misturados às colônias de alfazema, desodorante Avanço e suor. O ônibus quase que esvaziou, ficamos eu, o motorista e mais uns dois ou três rapazes com pastas nas mãos. O ponto final da linha é na prefeitura, logo, da policlínica até o palácio dos tropeiros, iriamos apenas nós, uma meia dúzia de gente que seguiu silenciosa, cada qual no seu banco. Os olhos ainda escrutinavam a cidade, mas os ouvidos tinham agora apenas os rangidos metálicos do coletivo. Na boca, um gosto amargo se fez intensificar.

Vira-Latas

Do alto da sacada, observava os cães que perambulavam pelas calçadas. Era uma meia dúzia de vira-latas, espíritos livres que rondavam a lixeira do edificio em frente. Por todos os lados, ouvia os latidos de cães. Do andar de cima, poodles. Do andar de baixo, lulus da pomerânia. Onde diabos fica a Pomerânia, pensou. Do apartamento à esquerda, um velho são bernardo. Do apartamento à direita, yorkshires. Lá fora, entre pulos e brincadeiras, os vira-latas. O maior, de pelos pretos, trazia no focinho as marcas da liberdade. Eram pequenas cicatrizes do cotidiano. O menor, de tão encardido, não se podia supor a cor, mas trazia consigo apenas metade da cauda. Os dois medianos, pareciam gêmeos, já que a única marca distintiva entre um e outro era a falta de um olho. Chamou-o de ciclope. A trupe de vira-latas se refastelava com os restos de uma marmitex de parmegiana. Jussara, diarista do 503, todas as tardes descia com François, um bulldog francês que empestiava o elevador social com sua flatulência. Antes que Jussara chegasse ao portão, Josival, o porteiro, correu espantar o bando de vira-latas. É que a saúde cardíaca de François não combinava com o assédio selvagem daquela cachorrada. Assim, enquanto os vira-latas seguiam em polvorosa quarteirão abaixo, Jussara guiava François quarteirão acima. Quando criança, tinha um vira-lata que dormia no galpão das ferramentas, comia as galinhas do vizinho e bebia água da chuva. Zeus. Sabe-se deus por qual motivo o avô dera esse nome ao bicho. Pois de deus grego não tinha nada. Para ser feio, Zeus precisava de uns três meses de tratamento intensivo num desses petshops chiquetosos. O fim da adolescência e o desejo de estudar na cidade o levou a morar na casa de um tio de sua mãe. Durante os 4 anos da faculdade, dividiu o quarto com Zorêia, um híbrido de chihuahua Acendeu um cigarro, sorveu um gole de café. Vira-latas são felizes, concluiu.

Quermesse

A quermesse do bairro, em épocas juninas, trazia consigo o cheiro de pólvora. Como todos os garotos da rua, pelas manhãs de domingo íamos ao catecismo. Ouvíamos estórias dos tempos do zagaia. Numa delas, um cara barbudo saia distribuindo chutes e ponta-pés nos comerciantes do templo. Alguma coisa que ver como fazer negócios no entorno da igreja. Depois da catequese, íamos à missa. Mais estórias. Durante o resto do do domingo o protocolo era sempre o mesmo. Macarrão da mama, coca cola da mercearia do Mingo, pudim de leite da vó. Trapalhões, programa Silvio Santos. Repeteco do pudim de leite da vó. A noite, no entorno da igreja, toda sorte de barraquinhas vendiam guloseimas e diversões. Pesca, roleta, cuscuz, arroz-doce, quentão. Três quarteirões antes da igreja, numa minúscula lojinha mal iluminada, um arsenal de bombinhas, traques, busca-pés, rojões e biribinhas. Fogos caramuru não dá xabú, esse era o lema. Dos dez cruzeiros ganhos, cinco eram suficientes para encher os bolsos daqueles objetos do terror. Bolsos que poderiam por si só mandar para os ares umas tantas latinhas de extrato de tomares, tamanha era a quantidade de pólvora que neles ficava depositada. Munidos do pequeno arsenal bélico, nos embrenhávamos por entre os adultos. Uma rodinha, alguém acendia o isqueiro, a combustão do pavio dispersava a roda rapidamente. Três, dois, um. BUM. Jesus-Maria-José! O estouro sempre assustava as beatas compenetradas no giro da roleta. Algum adulto logo identificava os terroristas mirins apontando-nos o dedo seguido de palavras se só podiam dizer no lado de fora da igreja. Na periferia da festa, fuçávamos as latas de lixo em busca de módulos lunares. Uma "das fortes" era posicionada na guia de paralelepípedos. Sobre ela, uma lata de pomarola estrategicamente colocada de forma a absorver em seu interior a potência da explosão. Mais uma vez o isqueiro roubado do maço de cigarros de algum familiar entrava em ação. Três, dois, um. É, deu xabú! Desde a mais tenra idade já sabíamos o sentido da expressão propaganda enganosa. Pega outra. Aperta o fundo, pra garantir. Duas voltas de durex, para potencializar. Agora vai. Isqueiro, cadê o isqueiro. Ajeita a latinha. Três, dois, um. BUUUM. Feito engenheiros da Nasa, comemorávamos os talvez dois ou três metros de

vertiginosa subida da lata de pomarola. Um pequeno estrondo para a humanidade, mas uma baita diversão para a molecada. Molegues lazarentos. Huston, temos um problema. A lata, na sua reentrada na atmosfera, atingiu a motoca de alguém. Correria. Como vietcongs, embrenhávamo-nos por debaixo das barracas, camuflados por toalhas de renda. Dissipado o quiprocó, juntávamo-nos na curva da escadaria de acesso à igreja para contabilizar o arsenal. Eu tenho três da forte e duas da fraca. Eu tenho duas fortes. Eu tenho quatro busca-pés e três da fraca. Enquanto as meninas prendadas distribuíam as prendas na barraca de pesca, pescávamos toda sorte de coisas para explodir. Tubo de plástico, lata de óleo, tijolo baiano, casca de banana. Os estouros se ouviam aqui e ali sempre seguidos de um resmungo, um reclamo, uma jura de que queimaríamos no fogo dos infernos. Para terminar, juntávamos as sobras, desmontávamos as bombinhas, fazendo com a pólvora finas linhas como nos filmes de espionagem. O cheiro de pólvora se misturava ao do quentão naquelas noites frias de junho.

Cãobinado?

Sentou-se em frente a mesa do professor sem muita conviçção. Professor, preciso te pedir algo. Pois pida, disse-lhe em um quase sorriso. Era seu costume falar certas palavras em português errado. Não por ignorância, mas por estratégia. É que ao proferir um pobrema diante de um problema, a aura catedrática, muitas vezes inibidora de um diálogo mais fluído, evaporava em nuvens de descontração. Dizia ostra no lugar de outra, bão no lugar de bom. A faca era de dois legumes e o combinado, cãobinado. Tomate-camente era automaticamente e, de trocadilho em trocadilho, de erro em erro, a comunicação se dava sem prejuízo. Fazia por graça, ainda que um ouvido ou outro, inadvertidos, achasse um despautério professor falar assim. Então, professor, seu trabalho, aquele em grupo, que o senhor sorteou semana passada... As reticências, o olhar cabisbaixo e os vinte anos de sala de aula profetizavam o pedido de dispensa, restava saber o motivo, razão ou circunstância. Tô ligado, disse o professor para abreviar o suplício. Da lista de possibilidade, é sabido que a morte não se anuncia com semanas de antecedência, logo descartou o velório de alguma tia lá no interior do Paraná. Tamborilando os dedos sobre a mesa ao ritmo da marcha imperial, disparou. Quem vai casar? As sobrancelhas arqueadas e a luminosidade no rosto vieram seguidas de um sonoro eu. Eu, professor. Na sexta no civil, no mesmo cartório no qual sua futura esposa trabalhava de recepcionista, logo pela manhã Sábado, para agradar a família dela, no religioso, lá no interior do Paraná, na igreja matriz, bem a tardinha. Os trâmites para o casório já vinham de um ano. O aperto financeiro e a dificuldade de reunir toda a parentada fez com que a data coincidisse com a apresentação do trabalho da faculdade. É coisa do zodíaco, diziam-lhe os amigos solteiros. Antes evitar uma DP que afivelar-se nas coleiras do matrimônio. Já os familiares, agarrados à última esperança de finalmente ver-lhe casado, mandariam às favas o professor, tudo dentro das normas da ABNT, que fique claro. Segundo minha avó, disse-lhe, o homem nasce, cresce, fica bobo e casa. Pois é, professor... As reticências, novamente elas. O aluno esperava uma resposta. O professor sabia disso. A pausa dramática se estendeu por mais alguns segundos, o suficiente para uma gota de suor formar-se no canto

esquerdo daquela têmpora universitária. Sem pobremas, meu caro. Trocamos com o grupo anterior e tomatecamente seu grupo fica para a ostra semana. Cãobinado? Oxi, professor. O alivio muscular podia ver-se em fluidas ondas sob a pele. Desejou-lhe um bão casamento enquanto observava o rapaz flanar dois centímetros acima do solo. De volta aos teclados do seu computador, à crônica que digitava quando fora interrompido pelo noivo atormentado, percebeu uma sombra a sua frente. Antes que pudesse concluir a digitação desta linha, a sua frente, sem muita convicção, sentou-se outro aluno.

Karência

Meu insucesso escolar na infância e adolescência sempre esteve ligado a uma certa dissonância entre a instituição escolar e eu. A escola não fazia muito sentido, mas essa é uma interpretação do eu adulto, professor, depois de passar por duas licenciaturas e um mestrado. Lá, na longínqua década de 1980, eu apenas flanava por uma existência incompreendida. Não fui daqueles que aos quinze anos leu Sartre. Aos quinze anos eu sequer lia, nem mesmo o que a escola obrigava. Repetente em dois anos anteriores, na oitava série eu era o cavalão que, não fosse um pangaré, estaria completando o ensino médio. Eu era ruim em tudo, mas em matemática eu me superava. Naquela época eu não conhecia Descartes, ainda que o plano cartesiano lá estivesse nas malditas equações. Mal sabia eu que a razão poderia ser assolada, nublada, engrupida, tergiversada pelas artimanhas de um gênio do mal. Demônios que rondam nossas ideias, confundindo-nos e nos afastando da clareza do intelecto. Pois bem, na oitava série esse demônio tinha um nome: Karen. Um demônio de saias, Karen era um anjo esculpido em carne, ossos e cabelos new wave repicados em ondulatórias que faziam as parábolas das equações de segundo grau tão desinteressantes quanto as minhas aulas de Lógica. Quem em sã consciência iria dar trela para Dona Zulmira e o valor de delta quando Karen, conhecedora dos seus encantos sobre garotos introvertidos como eu, me dedicava zero vírgula zero vinte e cinco milésimos de segundo do seu olhar quarenta e três? Era pura perdição. Nas aulas de Língua Portuguesa eu até tentava prestar atenção, talvez na esperança de que o léxico pudesse irrigar a estiagem verbal provocada pela simples proximidade geográfica daquela angelical e demoníaca criatura. Em tempos em que o mundo das ideias de Platão nada significava no meu cérebro de pangaré, Karen era a pura manifestação platônica, meditações metafísicas dignas de um ser em constantes dúvidas clashinianas: should I stay or should I go. Elvis, The Pelvis, filósofo requebrante dos palcos do Rock and Roll já dizia, Its Now or Never? Pois bem, never. Jamais troquei com Karen mais que ois e tchaus pelos corredores tétricos do colégio. Finalmente concluída a oitava série, meus caminhos seguiram por outras searas. Fui para o ensino profissionalizante, a

noite, onde a alma pueril de um garoto introvertido como eu teve de sair da caverna. O mundo se descortinou, ainda que a escola continuasse sem sentido. Muitos anos mais tarde, num dia qualquer dos anos 2000, num corredor de supermercado, encontrei Karen. Não a reconheci. Ela sim, me chamou com um psiu, você não é o Edgar? Do Santa? Assenti com a cabeça ainda vasculhando na memória quem seria aquela mulher. Trocamos algumas palavras sobre os bons tempos de colégio e cada qual seguiu seu caminho, ela para o corredor dos laticínios, eu para a seção de bebidas. No caixa, enquanto a atendente, minha ex-aluna, reclamava da semana de provas, a ficha caiu. Meu deus, a Karen! David Hume já havia me alertado, nossas memórias são ficções, histórias que contamos para nós mesmos.

A Menina da Loja de Sapatos

Os blocos de paralelepípedos ainda traziam as gotas frescas de orvalho quando ele cruzou a rua em direção ao trabalho. Pouco mais de cem metros separavam-no da loja de sapatos. Lá, entre anabelas, babuches, botas e scarpins, a menina da loja de sapatos, objeto de seus desejos, espanava as prateleiras com leveza, tal qual os movimentos de um maestro ao conduzir uma aria de Puccini.

A menina vivia o esplendor de seus dezoito anos. De casamento arranjado com o rapaz filho do dono da fábrica, ocupava seu tempo livre a compor seu enxoval. Colchas, lençóis, fronhas, toalhas de mesa, guardanapos, roupões-de-banho, pijamas, tanto os dele como os dela. A lista era riscada a cada novo item adquirido. Ouvia com paciência e doçura os conselhos das mulheres mais velhas, tanto sobre o enxoval como sobre a vida matrimonial.

Fora justamente no fim de tarde do dia anterior que *Doña* Soledad, uma espanhola de flamenca imponência, lhe dissera sobre a importância da camisola da noite de núpcias. Falou-lhe das rendas, da transparência, da cor e, com uma piscadela de cumplicidade, deu-lhe uma ou duas dicas sobre como deixar a tão esperada noite mais *caliente*, caso o mancebo prometido não fosse muito hábil nas artes que envolvem dois corpos nus. No rosto da menina da loja de sapatos, o rubor mesclou-se a um leve sorriso de canto.

Ele, há alguns metros da loja de sapatos, ajeitou o nó da gravata, ergueu os ombros, projetou o peitoral e encaixou-se no paletó. Ajustou o chapéu e, como fazia todos os dias, diminuiu a velocidade dos passos e atravessou a fachada com ar sóbrio. No exato ponto em que a menina da loja de sapatos arrumava uma pilha de caixas de mary janes, fitou-a por uma fração infinita

de segundo, ela, que sorria absorta e imersa na visão da sonhada camisola de núpcias, sequer deu-se conta dele. "Serás minha", sussurrou para si antes de voltar os olhos para o calçamento. Nos fundos da loja, atenta a tudo e a todos, Mercedes, a velha do caixa, ao vê-lo passar, murmurou para si mesma, "lá vai ele, com sua cara de Caronte... deus nos livre!", e benzeu-se com um sinal da cruz.

A manhã seguiu cotidiana. As madames entravam e saiam das lojas. Na esquina de baixo, próximo à peixaria, uma legião de gatos espreitava as caixas de peixes que chegavam no caminhão do porto, a espera de que uma sardinha, caída por um vão qualquer, lhes servisse de banquete. Na esquina de cima, uma criança chorosa relutava a entrar na farmácia. Em frente a barbearia, dois senhores debatiam a qualidade do tabaco que pitavam em seus cachimbos de chifre. Esquivando-se dos carros que desciam a rua, um grupo de meninos se entretinha com suas coloridas e translúcidas bolas de gude. Na calçada oposta à loja de sapatos, entre um escritório contábil e uma residência abandonada, alheio a toda a vida que pulsava lá fora, ele, no interior de seu "atelier", ajeitava seus instrumentos de trabalho, à espera de que o destino lhe enviasse um novo cliente.

Antes que ambos os ponteiros do relógio estivessem alinhados com o número doze, a menina da loja de sapatos saiu apressada. Teria pouco menos de uma hora para fazer seu almoço e dirigir-se a loja de lingeries, escolher uma camisola que condissesse com as características infalíveis que a senhora espanhola lhe recomendara na tarde anterior. Desceu em direção à peixaria, desviou dos meninos que agora brigavam entre si por uma bola gude de raro colorido. Preocupada com a brevidade do tempo que teria, lançou-se ao meio-fio sem perceber que o caminhão de peixes também dobrava a esquina...

Faltavam apenas cinco minutos para as seis, ele já se preparava para deixar o "atelier" quando a menina da loja de sapatos, de súbito, entrou pela porta dos fundos. Pandora, a gata, assustada com a repentina aparição, saltou da grande caixa de madeira cor de caramelo que lhe servia de abrigo. Ele foi ao encontro da menina. Por alguns instantes, apenas deixou que seus olhos a perfilassem, contemplando o semblante da doce menina que durante anos alimentou seus anseios. Desejou tê-la para si. Desejou aquele corpo em seu leito. E lá estava, o destino a trouxera. Não era mais a menina da loja de sapatos. Agora, era apenas dele.

Deitou-a com delicadeza sob fria superficie de aço escovado. Com uma afiada tesoura, livrou-a do vestido rosado, com cheiro de lavanda e peixe, e de suas roupas íntimas. Retirou-lhe os brincos, a pulseira e o anel de noivado. Descalçou-lhe as sandálias. Lavou-lhe os cabelos, desfazendo cada um dos nós que emaranhavam os fios castanhos que lhe chegavam à cintura. Limpou-lhe a pele do sangue, da fuligem e das escamas de peixe. Com a maestria de um alfaiate, costurou-lhe os pequenos cortes, com a precisão de um relojoeiro, recolocou seu olho esquerdo em sua caixa orbital. Enquanto a máquina de embalsamar lhe preenchia as veias, fez-lhe as unhas, ajeitou-lhe os cabelos, escovando-os delicadamente. Vestiu-a com as roupas que os rapazes do necrotério municipal trouxeram, a mando da família. Um vestido branco, de gola fechada e mangas compridas, e uma fita igualmente branca, para os cabelos, próprios do recato que a ocasião pedia.

Ajeitou-a no esquife de madeira envernizada em tom caramelo. Dobrou-lhe os braços sobre a barriga. Mãos sobrepostas, a direita sobre a esquerda. Trazia consigo os brincos, a pulseira. Rodeou-a de flores. Usou um pouco de pó para lhe dar cor ao rosto e com leves pinceladas de um vermelho tênue, marcou-lhe os lábios. Ao final, enquanto o anel de noivado ia de um

lado para o outro em seu bolso esquerdo, inclinou-se e beijou-lhe a fronte. "És minha!", disse-lhe em voz baixa. Baixou tampa do caixão, apagou as luzes e viu que um novo dia nascia lá fora.

No silêncio da funerária, Pandora, a gata, voltou-se a deitar, agora sobre o tampo da caixa que lhe servia de abrigo. E ali, adormeceu.

Sobre o autor



Edgar Domingo de Albuquerque é sorocabano, nascido no longínquo ano de 1973, numa tarde de quinta-feira, em fins de março. É casado com a Aline e pai da pequena Heloísa. Licenciado em Letras, bacharel e licenciado em Filosofia e mestre em Educação, atuou em diversas instituições de ensino, além de desenvolver trabalhos na área de Tecnologia da Informação. O gosto pela leitura se deu na adolescência, mas a escrita só ganhou força depois dos 40, idade na qual, segundo o dito popular, a vida começa. Aos 49, tomou coragem e resolveu compilar alguns dos seus escritos nesta obra.

www.edgar.pro.br | contato@edgar.pro.br

Este ebook foi produzido de forma totalmente independente. DIY ;)

Os texos aqui reunidos são de propriedade do autor, sendo vedada a publicação dos mesmos, em qualquer meio, sem a devida autorizção do autor. mas você pode compartilhar o e-book com quem quiser;)

Edgar Albuquerque 2022

Um exercício de observação e escrita, essa é a proposta de **Crônicas de um Terráqueo**.

Capturar situações banais e momentos comuns do cotidiano e transformá-los em narrativas que extrapolam a realidade, assim nasceram os textos que compõem esta coletânea.

Publicadas inicialmente nas redes sociais do autor e editado no melhor estilo DYI, as **Crônicas de um Terráqueo** ganham forma neste ebook e chega até você com uma única intenção: divirta-se.



Edgar Albuquerque é sorocabano, marido da Aline, pai da Heloísa e divide seu tempo como educador, professor, filósofo, técnico em informática, cervejeiro caseiro, ouvinte de bom Rock 'n Roll e escritor.

#crônicasdeumterráqueo